ANO 17.º — LISBOA — QUINTA-FEIRA, 13 DE JANEIRO DE 1938 — N.º 5441

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 40 CENTAVOS
Editor — JOÃO CHRYSOSTOMO DE SA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSAO DE CENSURA

PEDEM-NOS a publicação da seguinte carta, que contem uma justa reclamação:

«*Sr. director:* — E' a segunda vez que recorro ao «Diario de Lisboa» para protestar contra o abandono injustificavel a que estão votadas algumas arterias das freguesias de S. José e de Camões, a Santa Marta, onde se arrastam desde o principio do verão as obras de reparação dos esgotos e de outras canalizações que obrigaram a levantar varias vezes o leito das ruas. Da primeira vez que me atrevi a fazer uma timida reclamação, aduziram-se razões de ordem tecnica para justificar o desleixo. Mas agora — volvidos sete meses sobre o inicio das malfadadas obras — não ha tecnica que desculpe a incuria ou a falta de cumprimento do caderno de encargos a que se devia ter obrigado o empreiteiro.

A travessa Larga já está macdamizada, mas os passeios continuam escalavrados. Dizem-me que não compete ao empreiteiro consertá-los, mas sim á Camara. Pois esperemos que em breve se complete a obra. Mas a rua do Passadiço, sempre que chove, transforma-se num lamaçal intransitavel, tanto para peões como para veiculos. Deixaram passar o bom tempo sem mexer uma palha e só quando as chuvas voltaram é que meteram ombros á tarefa. Resultado: lama e mais lama por todos os lados.

Não seria facil apressar as obras, de modo a sacrificar o menos possivel os infelizes moradores do sitio? Valha-nos o sr. engenheiro Duarte Pacheco, que bem pode. — De V., etc., *José de Santa Marta*».

* * *

OS ingleses, mais que qualquer outro povo, interessam-se pelos progressos da aviação, sobretudo pela de bombardeamento. As ilhas britanicas, colocadas pela natureza fora das terras continentais, não desejam que o seu natural isolamento fique exposto aos ataques do avião que conta em seu favor com a «continuidade do ar». Por isso, na Inglaterra, os jornais interrogam, de vez em quando, o ministerio da Aeronautica, preguntando-lhe:

— Estamos nós em condições de repelir qualquer ataque, por via aerea?

A resposta é geralmente esta:

— Achamo-nos bem preparados para o que der e vier.

Adormecem os cuidados, até que ressurgem mais tarde, febris e incontidos:

— Pode a potencia A ou a potencia B rir-se da nossa cega confiança?

Novas explicações e novos sinais de confiança. Para evitar, porém, que a cena se repita, o governo inglês resolveu comunicar ao publico, por meio de algarismos, as unidades da sua frota aerea.

Renasceu a calma?

Não: renasceu a inquietação.

* * *

A CONVITE da direcção da Sociedade de Geografia, o sr. dr. Joaquim Manso deve fazer, no proximo dia 24 de janeiro, pelas 21 horas e meia, na sala Algarve, uma conferencia, em que versará o tema — «Lição das Viagens».

FABULAS

O milhafre ouviu chilrear, de manhã cedo, — abril estremecia na desabrochar das corolas — os filhinhos da cotovia que, sob as asas maternas, palpitavam de vida virginal e de aventura em botão.

— Calem-se, meninos, que o milhafre está com os olhos em nós!

— Não tenhas medo, disse o ladrão. Quando a fome me não apoquenta, enterneço-me com o timido canto das aves e a inocencia dos ninhos

A cotovia murmurou consigo:

— Os grandes principios da moral e da justiça só são observados pelos poderosos, no intervalo das crueis digestões. Fóra disso, entra em acção a lei do mais forte — «salve-se quem puder».

Enquanto assim discorria, a sua graciosa prole, servia ao milhafre o mais dóce harpejo do seu cancioneiro infantil. Ele sorria desvanecido e comovido, pensando consigo:

— Belos como anjos e tenros como meigas rolinhas...

E uma lagrima deslizava-lhe dos olhos como um aljofar, a desprender-se dum lirio.

O AVESTRUZ

Os bichos, como as pessoas, nunca estão contentes com a sua sorte. As gazelas quiseram ser leões e os tigres pacificas ovelhas. O avestruz — pernalta, com um esboço imperfeito de asas, o volume eliptico da pausa a dansar com as desalinhavadas corridas — sentiu a miseria da sua condição.

— Porque me fez Deus tão feio e tão lindas as pombas?

Adoeceu por se julgar vitima dum êrro de estetica.

— Porque não hei-de voar, ascender ao azul, mergulhar nos espaços onde a liberdade se respira com o ar?

Dirigiu-se a um consultorio afamado que o leopardo abrira no mais escuro da selva.

— Peço-lhe, sr. doutor, que me livre desta hórrida fealdade que tanto me tortura...

— Nada mais facil nem mais rapido, ingenuo Narciso. A minha pericia opera milagres a baixo preço e não fixa sequer honorarios.

— Mas eu quero pagar...

Não teve tempo para concluir: o leopardo fê-lo em bocados e foi apartando as penas tão admiradas nos chapeus das princesas. Franzindo o focinho com o seu habitual rictus sardonico, acrescentou:

— Se não fôsse eu, este infeliz seria o escarneo da bicharada irreverente!

A GATINHA

Era duma raça fina, maliciosa, com os seus olhitos verdes, humidos e brilhantes, o focinho, quasi redondo, tocado subtilmente pelo pincel dum pintor japonês, habituado a desenhar andorinhas em leques de lacas preciosas.

Um dia apeteceu-lhe esta cousa monstruosa — apanhar uma borboleta. Correu atrás dela que esvoaçava sobre uma roseira — de flôr em flôr.

Disfarçou a sua cubiça, fingiu que pensava noutra cousa, agachou-se sobre as patitas dum tom negro quasi impalpavel, mediu bem as probabilidades de exito e, quando o momento lhe pareceu oportuno, deu um salto rapidissimo, mas — ó desilusão! — a borboleta, como que sacudida por uma misteriosa aragem, livrou-se do abraço fatal. Pior ainda: a delicadissima e gulosa gatinha feriu-se cruamente, nos espinhos da roseira. Um tenue fio de sangue escorria-lhe da boca fremente. A muito custo, uma mão caridosa livrou-a do perigo em que caira.

— Pequenina, quem te fez mal?

— Fui eu que pretendi surpreender a borboleta...

— Parece impossivel! Então querias escravizar uma asa livre, maltratar um ser cheio de mimo e graça?

— E' verdade. Reconheço que andei mal. Era para uma colecção...

— Aprende a coleccionar boas acções e nunca frageis e confiados insectos que Deus criou, com a ternura infinita do seu amor.

O GALO

Uma vez o galo aproximou-se dum imenso boi que pastava tranquillamente num prado.

— Porque ostentas tamanha corpulencia? Do teu corpo, feito em pedaços, tiravam-se mil galos como eu.

— Assim é, realmente. Mas repara bem em que não era dificil extrair do teu carne suficiente para fabricar um milhão de mosquitos!

— Nesse caso, tanto tu como eu sômos, cada um na sua esfera, verdadeiros potentados.

— Enganas-te, pobre tonto! Sômos duas vitimas das leis da natureza que colocou acima de nós um bipede cruel e engenhoso que me prende a mim ao arado e que te engorda a ti para os seus opiparos festins.

1938 — 12 de Janeiro.

GLAUCIAS

A CORRIDA aos armamentos para a conquista da supremacia teorica ou de um nivelamento garante assemelha-se a uma hasta na qual os poderosos — e ás vezes com que sacrificios! — lançam a sua oferta:

— Mais um milhão de libras...

Isto é: mais umas tantas unidades para o programa de 1938-40. E logo no dia seguinte, suprimindo intervalos do tempo e de reflexões, se ouve outra potencia licitante:

— Mais quatro milhões...

A Inglaterra, «que deixa o tempo trabalhar por ela» — na frase que já corre mundo como um dogma — continua a trabalhar pela paz no formigueiro dos estaleiros e oficinas.

Olha o Oriente e o Ocidente com paciencia e espirito de conciliação. Os que estavam mais adiantados saíram já vencedores na primeira lota — mas a hasta prossegue.

Até quando? Tudo tem um limite: o dinheiro nas previsões e a paciencia nas atitudes.

E por isso um critico internacional observava ha dias:

— Começa a ser temerario lançar uma luva, directamente...

* * *

DE vez em quando, recebemos livros de pessoas que se intitulam escritores e não sabem conjugar o verbo «haver». Num que temos á vista, lê-se o seguinte:

— Entre eles, haviam alguns que falavam como profetas.

Este oficio de escrever artigos, romances, poemas ou volumes de critica dispensa longas preparações e demorados estudos, pois basta uma pena, um tinteiro e um bocado de papel — e ás vezes alguma ignorancia e muita falta de pudôr — para se achar materia para um livro opulento.

Compreendemos que nem toda a gente plumitiva conheça o Discurso *sobre o Metodo ou as três «Criticas» de Kant, mas não se saber conjugar e empregar o verbo «haver» é que nos parece inconciliavel com o pensamento, a palavra e o estilo.*

* * *

A IMPRENSA italiana manifesta a sua satisfação pelo exito das conversações de Budapeste. Não é sem alguma razão que em Roma falam, com louvor, do que acaba de se passar na capital hungara.

O eixo Roma-Rerlim tem funcionado, até agora, com um ponto de fricção que os seus admiradores mais entusiasticos nunca julgaram conveniente disfarçar: a questão de Anschluss.

A malograda missão de Von Papen deve considerar-se o episodio saliente de uma série de tentativas de aproximação que acabassem por fazer esquecer a morte tragica de Dollfuss.

Mussolini conseguiu, ao que parece, alcançar o objectivo delicado que os diplomatas e ministros austriacos e alemães não puderam atingir.

O «DIARIO DE LISBOA» DE HOJE É DE 16 PAGINAS INCLUINDO O SUPLEMENTO LITERARIO

Mundanismo

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras:

Condessa de Porto Covo da Bandeira, viscondessa da Nespereira, D. Branca de Sommer de Andrade, D. Maria Adelaide da Gama Sepulveda, D. Branca de Seabra Pereira, D. Maria dos Prazeres Cirne de Bettencourt, D. Rosalina Pinto Coelho Martins de Lima, D. Maria de Meneses Peixoto Taveira, D. Emilia Pinto Leite de Bessa, D. Adelaide de Lorena Velses Corte Real, D. Emilia da Silva Faria Braga, D. Conceição Ferreira Morgado de Sousa, D. Filomena Adelaide Dores Santos Valente e D. Hortense Gomes Militão.

CASAMENTOS

Realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria Joaquina Marques, filha da sr.ª D. Quiteria da Silva Marques e do sr. José Joaquim Marques, com o sr. Afonso Alves de Sousa, filho da sr.ª D. Carlota Alves de Sousa e do sr. Vitor de Sousa, funcionario superior da Misericordia de Lisboa. Foram padrinhos, por parte da noiva, a sr.ª D. Rosa Costa da Silva e seu esposo, o maestro Jaime Silva, e do noivo, seus pais.

NASCIMENTOS

A sr.ª D. Albertina Medina, esposa do alferes aviador sr. Medina, teve o seu bom sucesso, num quarto particular da Maternidade dr. Alfredo Costa, assistida pelo distinto cirurgião sr. dr. Costa Felix. Mãi e filho, encontram-se felizmente bem.

FESTA ANUAL DO GEREZ

Para a elegante festa da Liga de Defesa do Gerez, que se realiza, como noticiámos na noite de 2 de fevereiro, nos salões do Palacio Foz, onde se encontra instalado o Club dos Restauradores (Maxmi's), têm mesas marcadas além das pessoas a que já nos referimos mais as seguintes:

Dr. Gomes Mota e esposa, Armando de Freitas e esposa, dr. Leite Pinto, dr. Silvério Gomes da Costa e familia, dr. Fernando de Sousa e familia, Abilio Barbosa Duarte Cruz e D. Maria Dias Barbosa da Cruz, dr. Aguiar Cabral, engenheiro Mario Mauricio dos Santos, D. Maria de Lourdes Dias Barbosa da Cruz, D. Albertina Silva, D. Endreguina Correia, D. Margarida Schwaler Bravo, dr. Fernandes Lopes, conde de Proença, deputado dr. Artur Aguedo de Oliveira, dr. José Cordovil, etc.

A marcação de mesas e requisição de bilhetes podem fazer-se pelo telefone 5 0225.

EM VIAGEM

Para a America do Norte, partiu no paquete «Vulcania» o distinto clinico sr. dr. José Troncho de Melo.

DOENTES

Foi operada com muito exito pelo habil cirurgião sr. dr. Bastos Gonçalves a menina Maria Manuela Fernandes de Oliveira.

—No Hospital de Jesus foi operado com muito exito pelo distinto cirurgião sr. dr. Manuel de Vasconcelvos, o sr. José Maximino da Cunha.

Concurso de montras

Os premios conferidos ao publico que votou

Os trinta premios oferecidos pela Comissão Luminotecnica Portuguesa para serem distribuidos pelos votantes que respondessem com mais criterio ás preguntas formuladas e cuja escolha mais se aproximasse da opinião do juri no Concurso de Montras realizado durante as festas do Natal e Ano Novo foram conferidos pela seguinte ordem:

1—Beatriz Ribeiro, Estrada das Laranjeiras, 71, 1.º.
2—Maria Fernandes Cruz, rua Ilha do Principe, 10, r/c, dir.
3—Carlos Gomes Cruz, rua do Comercio, 38, 2.º.
4—Florinda Serra, rua Passos Manuel, 89, 1.º.
5—José Sobral Ramalho, rua Açores, 84, 2.º.
6—Graciano Pinto, rua Cruz dos Poiais, 6, 2.º.
7—Nuno Bramão Azevedo, rua Braancamp, 6, 3.º, Dt.º.
8—Julio Vicente Ribeiro, rua Rodrigo da Fonseca, 18, r/c, Dt.º.
9—João Sobral Ramalho, rua Açores, 84, 2.º.
10—Maria Julia Sousa, Agualva—Cacem.
11—Maria Augusta Vaz, rua Newton, 22, 1.º, Esq.
12—Antonio Madeira, rua Damasceno Monteiro, 10, 3.º.
13—Maria da Madre de Deus Diniz, rua Artelharia 1, 67, 1.º.
14—Rui Paiva Chaves, rua de S. Bento, 297, 4.º, Dt.º.
15—Fernando Bravo, rua Gonçalves Crespo, 40, 4.º, Esq.
16—José Cerdeira, rua Alves Correia, 170, 5.º, Dt.º.
17—Rui José Gomes, rua Castelo Branco Saraiva, 38, 2.º.
18—Alice Libania Nunes, rua Damasceno Monteiro, 53, 3.º, Esq.
19—Rui Nuno Duarte, Cruzes da Sé, 19, 4.º.
20—Joaquina Adelaide Silva, rua Gomes Freire, 219, r/c, Dt.º.
21—Henrique Augusto Jacques, Escadinhas Marquês Ponte de Lima, 21.
22—Hugo José Soares Moreira, av. Luiz Bivar, 9, 3.º.
23—Ilidio Pessoa da S. Amaral, av. Gomes Pereira, 96, 1.º—Benfica.
24—Amadeu Gonçalves Manso, a dos Fanqueiros, 207, 3.º, Esq.
25—José Maia Leite, rua Damasceno Monteiro, 67, 2.º, Dt.º.
26—Margarida Gomes, travessa da Conceição da Gloria, 5, 3.º.
27—Joaquim José Almeida, av. Almirante Reis, 111, r/c.
28—Belmira Mendonça, rua Ferreira Borges, 88, 3.º.
29—José Augusto Filipe da Cruz, rua dos Embaixadores, 55, 1.º.
30—Orlando Boa Alma, rua José Estevão, 16, 3.º.

O 1.º premio é um esplendido fogão a gás «Krefft»; o 2.º, uma moderna maquina de coser e greihar «Westinghouse», 110 ou 220 V.; os 3.º e 4.º, uma [illegible]eira electrica automatica, do 5.º ao 9.º, um candeeiro de trabalho, de metal; os 10.º e 11.º ferros de engomar de luxo «Westinghouse»; do 12.º ao 16.º, candeeiros de trabalho, com suporte de madeira polida; 17.º e 18.º secadores de cabelo «Solis»; 19.º, 20.º e 21.º, torradeira, electrica «Handyhot»; 22.º, 23.º e 24.º, almofadas electricas; e os seis ultimos, candeeiros de parede.

Podem os contemplados retirar os premios que lhes cabem, a partir de depois de amanhã, 15, até ao dia 31 do corrente mês, dos Armazens de Exposição das C. R. G. E. (Companhias Reunidas Gás e Electricidade) na rua da Boa Vista, 39.

Sociedade de Geografia

No proximo sabado, 15, realiza-se na Sala Algarve, da Sociedade de Geografia, pelas 21 e 30 uma sessão organizada pela Escola Lusitana, para exposição pratica do seu novo metodo de ensino, baseado na utilização dos filmes de projecção estatica a que se chamou «Ensino pela Imagem». Serão passados filmes geograficos, historicos e cientificos, acompanhados das respectivas exposições orais, feitas por professores daquele estabelecimento de ensino particular.

Gremio Alentejano

Iniciaram-se na ultima semana os serões alentejanos, ás quintas-feiras, das 21 e 30 ás 0 horas. Trata-se dum acto de natureza familiar que esta despertando grande interesse entre os associados e que hoje se repete.

«A Batalha das Linhas de Elvas»

O tenente Jorge de Faro Valadas fara amanhã, sexta-feira, pelas 20 horas, ao microfone da Emissora Nacional, uma palestra sobre o «Alto significado patriotico da comemoração da Batalha das Linhas de Elvas».

Associação de Lojistas

Comemorando o seu 68.º aniversario vai a Associação Comercial de Lojistas de Lisboa promover a consagração dos profissionais do comercio com mais de 50 anos de actividade como empregados de balcão. Iniciativa simpatica, revela inludivelmente a sensata orientação da veneranda colectividade patronal, que bastante se tem afirmado nestes ultimo anos como cooperadora da transformação social que com tanto exito se está realizando no nosso país.

Ao programa dos seus festejos estão dando a sua adesão varias Associações, Gremios e Sindicatos, e dele constará um banquete de confraternização entre patrões e empregados, o que entre o comercio lojista tem despertado vivo interesse. Ao «Boletim» da Associação Comercial de Lojistas de Lisboa, que é o organizador das festas comemorativas do 68.º aniversario da veneranda Associação, tem afluido adesões de varias entidades do comercio da Capital.

A' margem da semana

Alguem

Eu não sei se muita gente pensará na soma de abnegação e desinteresse de trabalho inglorio e de obscuro sacrificio que despende um medico de provincia no decurso duma longa vida profissional.

Se esse medico tem inteligencia e talento, se é alguem, *no elevado sentido da palavra, põe ao serviço do pequeno meio onde se fixou as suas qualidades de homem de ciencia, as suas aptidões clinicas, a sua dedicação, sem as compensações de poder conquistar fortuna ou celebridade. E gasta a sua existencia, dia a dia, sem variante, e sem possibilidade de dar largo horizonte á sua competencia, por grande que ela seja.*

Foi o que sucedeu ao dr. José Maria Correia Gonçalves, que acaba de falecer na Chamusca, na minha terra. Durante mais de quarenta anos ali exerceu a sua actividade e ali foi não só medico, mas o amigo certo e extremoso—que aconselhava, que assistia, que ralhava, até, mas que amparava não só nas doenças mas nos desgostos. Possuia esse poder comunicativo que faz com que baste a presença do medico para aliviar o doente.

Se tivesse ficado em Lisboa, criaria um nome, seria um grande operador ou um grande clinico.

Eram unanimes em afirmá-lo os seus mestres e os seus condiscipulos.

Capricho do destino, ou designio da Providencia, fixou-se na nossa pequena vila ribatejana e deu-nos, por assim dizer, toda a sua vida. Mereceu a estima e a gratidão de todos nós, e pode-se dizer que não há familia ali que não chore a sua morte.

Não pude, por doença, ir prestar-lhe a ultima homenagem da minha profunda e velha amizade e do meu reconhecimento, mas estou comovidamente ao lado dos meus patricios que o velaram e acompanharam á sua ultima morada com o respeito e a saudade devidas a esse homem superior pela inteligencia e pelas qualidades, que adoptou a nossa terra como sua, que foi o amigo de todos nós, e que no abnegado exercicio da sua profissão foi sempre alguem.

MARIA DE CARVALHO

TRIBUNAIS

No 6.º Juizo Criminal foi hoje julgado Domingos Ribeiro, acusado de haver burlado José Ferreira da Silva pela quantia de 4.500$00, por meio de duas letras falsificadas. Foi condenado em dois anos de prisão maior celular e mil escudos de imposto de justiça.

VITIMA DE DESASTRE

O menor de 9 anos Fausto Gonçalves Dias, morador na R. da Mouraria, 65, 1.º, ficou entalado entre um tapume existente na C. da Gloria e o elevador, ficando com um pé esmagado.

Recolheu á Sala de Observações do Hospital de S. José.

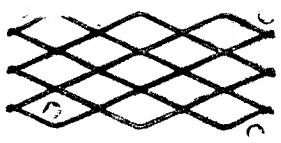
PASTELARIA FERRARI
Almoços, lanches e banquetes

Barbosa & Costa L.da

em colaboração com a FABRICA DE TAPETES HALCA expõe nos seus salões até 15 do corrente uma linda colecção deste tapete nacional.

Largo Rafael Bordalo Pinheiro, 11

Metal distendido



PARA CIMENTO ARMADO
Tabiques, tetos, etc.
CASA LINO
Rua Bacalhoeiros, 113 — Telef. 2 1374
— LISBOA —

CAFÉ MARTINHO DA ARCADA
Esmerado serviço de almoços e jantares

ESTE ANUNCIO E MAIS 5 ESCUDOS
Valem um bom retrato com o formato
18 × 24 na FOTOGRAFIA ACHILLES
AVENIDA ALMIRANTE REIS N.º 1, 1.º ANDAR — (ao intendente) — TELEF. 4 7063

AERO-PORTUGUESA
33, R. do Alecrim, 2.º — Telef. 2 3371
Partida aos domingos, ás 8 e 15
PORTUGAL-AMERICA DO SUL em 48 horas
Entrega das correspondencias para: MARROCOS, AFRICA OCIDENTAL FRANCESA GUINE PORTUGUESA E FRANCESA; LIBERIA, COSTA DO MARFIM E DO OURO E AMERICA DO SUL na CENTRAL DOS CORREIOS (Rua do Arsenal).
até ás 6 horas da manhã de DOMINGO
PASSAGEIROS para Marrocos, Africa Ocidental Francesa, Europa, etc.
MERCADORIAS para Marrocos, Africa Ocidental Francesa e America do Sul.
Informações. Wagons-lits | | Cook — Agencia Havas — Turismo de Portugal

Experimente os almoços do
REX-BAR
13, Rua Nova da Trindade, 15
Telefone 2 7391

Salão Luso Artistico

MARIA JOSÉ

Hoje, grandioso programa, com os aplaudidos artistas Ressurreição do Nascimento, Francisco Santos, (no jocoso), Alberto Ribeiro e, gentilmente, a pequenina actriz Maria José. Noite de alegria e arte. Amanhã, a distinta actriz ADELINA FERNANDES.

O Salão Luso Artistico, é no edificio do Teatro Gimnasio. Rua Nova da Trindade.

ANTIGO SOLAR DA ALEGRIA
Hoje: Lucilia do Carmo, Maria Carmen, Manuel Calixto, Manuel Pereira.
Esmerado serviço de Restaurante.

TEATROS E CINEMAS

«Envelhecer», no Trindade

De todas as reposições do velho repertorio que Alves da Cunha tem feito em Lisboa e na provincia, esta é sem duvida a mais justificavel, por se tratar duma peça que honra a literatura dramatica portuguesa e que as novas gerações desconheciam, pois representou-se pela primeira vez ha trinta anos, no velho Principe Real, fez-se depois uma breve reposição no antigo D. Amelia, e ha muito tempo que não voltara a representar-se em Lisboa.

«Envelhecer» é, ainda hoje, uma peça da melhor construção dramatica, servida por um dialogo primoroso, onde se notam apenas, e principalmente no segundo acto, algumas falas ligeiramente retoricas a acusar a marca romantica. Algumas cenas, como a evocação do ultimo acto entre «Eduardo» e a «Condessa Octavia» são deliciosas de frescura e de naturalidade. E' certo que paira sobre os quatro actos de «Envelhecer» certa preocupação doentia a marcar a linha auto-biografica do protagonista. Marcelino Mesquita estava naquela fase da vida em que sentia envelhecer o corpo, com o espirito sempre moço e um coração de vinte anos. O sacrificio de «Eduardo» levado ao estoicismo da renuncia e do suicidio é uma atitude literaria e romantica que não se justifica. Seja como fôr, a peça tem ainda hoje o maior interesse e é um documento admiravel duma epoca em que se escrevia Teatro em Portugal.

Alves da Cunha interpretou o protagonista com uma sobriedade e uma emoção impecaveis, mostrando-nos quanto pode em papeis que se afeiçoem ás suas admiraveis qualidades histrionicas. Emilia de Oliveira representou primorosamente o seu pequeno papel. Berta de Bivar defendeu-se com inteligencia, visto estar deslocada na figura que interpretou. Jorge Gentil traçou um belo apontamento do velho criado. Henrique Campos continua a afirmar qualidades que o devem impôr dentro em pouco como um dos nossos melhores «jeune-premiers». Completam o conjunto Maria de Oliveira, Olga França, Maria do Pilar, Penha Coutinho, Manuel Correia, Eduardo Matos, etc.

N. L.

«Recompensa», de Ramada Curto, no Nacional

E' depois de amanhã que sobe á cena no Nacional a nova peça do dr. Ramada Curto, a que o autor deu o nome de «Recompensa». Seria faltar á verdade se não disséssemos que há grande interesse pela estreia do novo original do distinto homem de letras, há muito arredado do teatro. Ramada Curto, que é dos nossos mais consagrados dramaturgos com uma personalidade muito sua, a ponto de criar um teatro a que podemos chamar o teatro de Ramada Curto, *escreveu desta vez uma peça para a companhia do Nacional, talvez diferente do* seu teatro. *Quanto ao desempenho basta dizer que ele está confiado a artistas do valor e da categoria de Amelia Rey Colaço, Lucilia Simões, Aaelina Campos, Maria Clementina, Robles Monteiro, Samuel Denis, Raul de Carvalho, João Villaret, A. Benamor, etc. A noite de sabado vai ser uma noite de verdadeiro triunfo para Ramada Curto. Assim o auguramos.*

Imagem do dia

Vão ser, brevemente, colocados na fachada do Trindade, dois cartazes gigantescos da «Rosa do Adro», feitos por Martins Barata. O seu autor é um dos nossos mais notaveis aguarelistas, e um ilustrador de admiraveis qualidades. As suas duas obras vão causar sensação, não só pelo seu tamanho—talvez não se tenha pintado, entre nós, superficies tão grandes, mas ainda pelo seu valor artistico. Um dos cartazes representa uma cena de alta violencia dramatica. Dois homens lutam por uma mulher, num simbolo que representa, talvez, a terrivel guerra civil que, no seculo passado, ensaguentou Portugal. Dois homens e uma bandeira.

O outro é a morte de «Rosa do Adro», versão fora do romance, mas talvez autentica, porque a historia alude a ele. Esta cena, pintada por Martins Barata, é dum extraordinario relevo. Empolga a visão, assim como o publico vai ser empolgado pela obra de Chianca de Garcia. O episodio da morte da romantica heroina teve o condão de trazer para o cinema o mar e os sargaceiros da praia da Apulia.

Atrás do reposteiro

Os artistas da companhia Adelina-Aura Abranches, tendo terminado o seu contrato, andam agora completando a sua «tournée» em sociedade artistica, tendo recolhido a Lisboa o seu secretario Joaquim Ferrugem e o contra-regra José Luiz.

— Alves da Cunha terminou ontem no Trindade os seus espectaculos desta temporada, devendo seguir brevemente para a sua «tournée» ás ilhas da Madeira e Açores.

— A recita de homenagem á grande actriz Palmira Bastos, no Sá da Bandeira do Porto, na proxima segunda-feira, com um grandioso programa, consta da representação da peça «Sete Mulheres» e dum acto solene com a colaboração da festejada e de todos os elementos da sua companhia.

— Começam na proxima semana os ensaios, no Apolo, da revista que a Empresa Macedo e Prito-Lourenço Rodrigues, ali estreará e da qual são autores Lourenço Rodrigues e Fernando Santos.

— A estreia da Companhia Beatriz Costa, no Sá da Bandeira do Porto, realiza-se no dia 21 do corrente, com a revista «O Liró», sendo o elenco feminino, além da titular da companhia, constituido pelas actrizes Tereza Gomes, Georgina Cordeiro, Maria Brazão, Maria Salomé, Fernanda Coimbra, a cantadeira Arminda Vidal e as bailarinas Coralia e Trudel, com 16 «girls».

— O nosso camarada de Imprensa Alvaro de Andrade está traduzindo uma comedia francesa com destino á companhia organizada por Abilio Alves.

—Na revista em ensaios no Maria Vitoria, «A Praça da Alegria», os numeros populares e comicos vão ser interpretados por Hortense Luz e os de fantasia e de estilo moderno por Irene Izidro.

— Com a Ordem de Beneficencia foi condecorado pelo Governo o Grupo Cénico do Club dos Gallitos, de Aveiro, ao qual vão ser entregues as respectivas insignias numa festa de grande solenidade.

— Na recita de Joaquim Miranda, no dia 3 de fevereiro, no Avenida, representa-se a comedia «Tabú», com um acto de concerto, «Hora Musical», e outro de serão camoneano, «Hora Poetica», com a reprodução do quadro «Luiz de Camões lê os Lusiadas aos frades de S. Domingos».

— Recomeçaram hoje, com toda a intensidade, as obras que no Trindade se estão fazendo para a sua adaptação ao cinema, a-fim-de reabrir brevemente com a presentação do fonofilme «A Rosa do Adro».

— No Sá da Bandeira do Porto, estreou-se ontem, com grande exito, a comedia «Riquezas da sua avó», que amanhã será substituida no cartaz por «Ama e Senhora» e no sabado por «Maria Antonieta».

— Sabado e domingo proximos realiza-se as ultimas «matinées» de circo, no Coliseu, com os palhaços e as demais atracções de grande sensação e que têm constituido a melhor companhia do genero de que há memoria entre nós. Domingo, á noite, ultimo e irrevogavel espectaculo de circo, nesta epoca.

«Ver, ouvir e calar», no Odéon e Palacio

Fernandel, aquele comico francês que se parece com o italiano Carnera, e que além doutras qualidades tem a de articular bem e cantar com intenção, triunfou ontem nos cinemas Odéon e Palacio com o famoso filme parisiense «Iguace» que é ele proprio na pessoa dum impedido que em certa altura passa por coronel com as consequentes complicações, muito ao gôsto do publico que gosta de se rir e que não desgosta de certas gaiatices caracteristicamente francesas. Deste filme pode-se dizer, sem receio de desmentido, que é dos de variadissimas gargalhadas por minuto, e aconselhavel para os que sofrem do fidago, e para os neurastenicos.

Completa o programa, além dum excelente jornal de actualidades, um magnifico filme em que se revela, com um tio anecdotico, a admiravel organização da policia motorizada norte-americana, com vibrantes demonstrações, perseguições e barragens de automoveis e, sobretudo, com evoluções que despertam o maior entusiasmo pela pericia dos motociclistas em conjunto perfeito. — R.

Mais quatro noites apenas de circo no Coliseu

Dentro de breves dias vai sentir-se entre nós a falta dos espectaculos de circo, visto que o Coliseu encerra no proximo domingo a sua temporada, relativa aos espectaculos deste genero. Não convem, portanto, que o publico perca estas ultimas noites em que se exibem as atracções que tão retumbante sucesso têm despertado. Hoje: grande noite de alegria e de emoção, com todos os fenomenos e raridades da companhia. Preços populares.

E... de revistas?...
Só uma
Mas essa é
Olaré, quem brinca!
Que é o sucesso de Lisboa no
VARIEDADES
A's 8 1/2 e 11 horas

RIR! RIR! RIR! RIR!
Só no AVENIDA ANTES QUE CASES... Hoje Ás 9 1/2 horas

Novidades CINEMATOGRAFICAS

Um moderno tipo de super-produção

De facto o vermos todos os dias filmes talhados pelos mesmos moldes, realizados pelos processos já nossos conhecidos, sem uma nota nova, original, inédita, sem qualquer coisa que nos desperte a atenção pela novidade, se quiserem mesmo pelo exotismo, começa a desiludir o interesse com que vamos ver um filme, começa a cansar-nos.

Tornava-se necessario que aparecesse uma produção que se afastasse do tipo já clássico de cinema; um filme que nos impressionasse por forma diversa dos que actualmente os cinemos nos apresentam, com mais ou menos reclame, com mais ou menos adjectivos.

E apareceu! Essa produção originalissima tem o nome de «As pérolas da corôa».

Devemos a Sacha Guitry, doublé de actor e de literato, essa feliz inovação.

Sacha fez qualquer coisa em cinema com caracteristicas absolutamente diferentes de quanto até agora se tem apresentado. Mas esse qualquer coisa tem um requintado espirito, tem a beleza das coisas superiores em arte.

«As pérolas da corôa» é um filme historico? E' um filme de aventuras? E' uma fantasia?

Alguem na «première» chamou-lhe um filme literario, mercê da finura do dialogo. E' talvez de tudo um pouco. E' um misto de coisas belas umas, grandiosas, outras, tocando ora o lado sentimental ora o ridiculo, sempre num ambiente de sumptuosidade, sempre num plano superior de arte.

E se dessa joia, dessa pérola da cinematografia pusermos em relêvo a interpretação mais alto faremos subir o valor desta super-produção.

Ermete Zacconi, no papel de pápa Clemente VII é simplesmente colossal. Jacqueline Delubac (madame Sacha Guitry) pequenina, insinuante, é tão expressiva e tão encantadora que chega a parecer formosa. Cecile Sorel num curto papel dá-nos azo a conhecer-se o seu indice artistico; Raimu, o soberbo artista de sempre; Linn Harding, Marguerite Moreno, Damia, Simon Girard e todos mais optimamente nos papeis que Sacha lhes confiou.

O que podemos afirmar e todos quantos têm visto «As pérolas da corôa» o confirmam é que esta grandiosa produção veio insuflar no cinema uma nova vida, veio criar novas possibilidades.

A proposito da bienal de Veneza

Algumas pessoas que andam afastadas das coisas do cinema preguntam-nos porque é que aparecem citações de premios na bienal de Veneza, como nos preguntam o que vem a ser isso da *bienal de Veneza*.

Vamos em meia duzia de linhas explicar o que seja: Trata-se duma exposição internacional que se realiza em Veneza e a que concorrem as melhores produções de todos os países. Nessa exposição são concedidos premios ás melhores produções apresentadas. Assim, na ultima exposição da bienal de Veneza, áparte os premios secundarios, havia três premios para as mais altas categorias.

O maior premio que foi concedido (para o melhor filme estrangeiro) nesta exposição abrangia todos os aspectos dum filme, isto é, considerava o filme premiado como o melhor de todos. Esse premio foi a «Taça Mussolini», concedida ao filme «Carnet de Bal» realizado por Duvivier e que em Portugal será apresentado nesta época no Cinema Condes.

O outro grande premio foi a «Taça da Direcção Geral da Cinematografia», destinado ao melhor argumento, premio que coube a «As pérolas da corôa», actualmente em exibição no Cinema Condes. Finalmente o terceiro dos três grandes premios, destinado ao filme com melhor conjunto artistico, foi atribuído ao filme «A grande ilusão» ha tempos exibido no Cinema Tivoli.

Fica assim satisfeita a justa curiosidade dos preguntadores.

PROGRAMAS DE HOJE

S. LUIZ — A's 21 e 30 — Telef. 2 7172 — Rainha Victoria — filme historico. Primorosa interpretação de Anna Neagle

CONDES — A's 21 e 30 — TEL 2 523 — As Perolas da Côroa — um filme de e com Sacha Guitry, Zacconi, Rainax, Jacqueline Delubac, Renée St-Cyr, etc.

CAPITOLIO — Tel. 2 7493 A's 21 — O Rei e a Corista com Fernand Gravey — O Club da Rua 56

REX — Telfe. 2 9656 A's 21 e 15 — FALSOS VIUVOS — Vida dum rapaz pobre — Canção Nacional pelos cantadores do Retiro da Severa.

CASINO ESTORIL — A's 21 e 30 — Duas vidas num homem

TIVOLI — A's 21 e 30 — TELEF. 5 0595 — A mentira de Nina Petrovna — com Fernand Gravey e Isa Miranda

ODEON — A's 21 e 15 — Telef. 2 6283 — Vêr, ouvir... e calar — espirituosa comedia com FERNANDEL

PALACIO — A's 21 e 30 — Telef. 4 7163 — O Turbilhão da Morte — com Jack Holte e Nan Gray

TERRASSE — Tel. 2 0917 — Doidos & C.ª — 3 pequenos 'gangsters'

ROYAL — Telef. 45037 A's 21 — MARIA PAPOILA — O segredo dos Woronzeff

POLITEAMA — A's 21,15 Telef. 26305 — ESTREIA da Engraçada Comedia Policial de Grande Espectaculo — Canto só para ela

CENTRAL — TEL 24381 — Soirée ás 21 e 30 — O DOMINADOR — com Emil Janning, o maior actor de cinema

PARIS — Tel. 6 2 30 — A's 21 h. — Rei dos Optimistas com Maurice Chevalier — Maternidade

LYS — Telef. 4 8560 — DOIDOS & C.ª — Nasceu para dançar

JARDIM CINEMA — A's 21 — Tel. 6 3065. — MARIA PAPOILA — A Canção do Sol

Cinema português

no teatro da Trindade

Os jornais da manhã deram hoje a noticia de que, dentro de dias, o teatro da Trindade abriria as suas portas como cinema. Trata-se dum acontecimento que vem modificar, em parte, o aspecto citadino. Escusado será dizer que o publico se debruçou com curiosidade sobre a noticia, inquirindo as razões do facto. Ninguem mais indicado para nos prestar esclarecimentos que José Loureiro, empresario do velho e do novo mundo, com vinte anos de intensa e proba actividade, que tantos sacrificios tem feito pelo teatro português, multiplicando as suas iniciativas e empreendimentos.

Eis o que ele nos disse, com a sua costumada gentileza, a proposito da sua inesperada preferencia pelo cinema:

—Foi a «Rosa do Adro» que me levou a tomar tal resolução. Sinto que é um grande espectaculo português, e como tal, digno de todo o carinho que sempre dispensei ás manifestações de arte nacional.

E depois, objectivando a obra:

—O conflito adapta-se perfeitamente ao sentimentalismo do nosso povo. Estou certo que ele será compreendido por todos os portugueses, como convencido de que o publico da Trindade verá com bons olhos esta minha iniciativa, atingindo com clareza o seu largo alcance.

—E modificações na sala?

—Evidentemente que não podia deixar de alterar o aspecto interior do teatro, sem contudo prejudicar a sua atmosfera tradicional.

—Qual o aparelho de projecção?

—Instalei uma aparelhagem Philips 1938, a ultima palavra da tecnica da reprodução sonora.

—E a plateia?

—Procurei dar-lhe o maior conforto possivel.

A uma pregunta nossa, já á despedida, José Loureiro respondeu entusiasmado:

—Poucos dias o Trindade estará encerrado. Não gosto de ter as portas durante muito tempo fechadas...

LISBOA COMERCIAL

A casa Barros & Santos, L.da

acabou, e surgiu a "Rouparia do Carmo"

A casa Barros & Santos, Limitada, da rua Nova do Carmo, com tradições no comercio lisboeta, e que viera da rua do Ouro, deixou ontem pratica e juridicamente de existir.

Atravessára as dificuldades de uma crise, provocada, especialmente, pela falencia de uma casa de nome similar e pela morte de um socio fundador, mas lograra com uma probidade exemplar vencer essas dificuldades.

Contudo, por escritura lavrada ontem nos livros do notario Noronha Galvão aquele estabelecimento que todo o publico de Lisboa conheceu, foi trespassado ontem para uma nova firma «Rouparia do Carmo, Limitada», que ocupará o mesmo edificio e prosseguirá no mesmo ramo comercial.

Da nova sociedade fazem parte os srs. José da Silva Regalheiro, socio gerente comercial, e empregado superior da extinta Barros & Santos, Limitada, ha cêrca de 25 anos, e pessoa da melhor reputação pessoal na praça, o sr. Ernesto Camacho, proprietario da casa Cupertino Ribeiro, e o sr. Raul Gouveia, capitalista e contabilista, dois elementos de prestigio.

No acto da escritura compareceram, entre outras pessoas, e serviu de testemunha, o sr. Alexandre Sequeira, gerente da filma Alex. Sequeira, Limitada, e o sr. Antonio da Costa Faria, proprietario do edificio da rua Nova do Carmo, que com sua presença quiseram testemunhar á nova sociedade e aos seus elementos, a sua solidariedade.

Barros & Santos desapareceu da nomenclatura comercial de Lisboa do ultimo quarto de seculo. «Rouparia do Carmo» surge para a clientela, na eterna evolução dos homens e dos acontecimentos.

MARINHA DE GUERRA

A bordo da fragata "D. Fernando"

efectuou-se hoje a cerimonia da posse do novo comandante das forças navais

O sr. capitão de mar e guerra Carvalho Crato (á esquerda) ao assumir as funções do comandante das forças navais do Tejo

O sr. capitão de mar e guerra José Eduardo Carvalho Crato assumiu hoje, a bordo da fragata «D. Fernando», as funções de comandante daquele navio e de comandante superior das forças navais do Tejo.

O novo comandante chegou a bordo pelas 12 horas acompanhado pelo comandante interino da fragata sr. capitão de fragata Jaime do Inso. A cerimonia, com o brilho tradicional em actos desta natureza, efectuou-se ás 13 horas.

A guarnição formou na tolda. A oficialidade, em grande uniforme, agrupou-se em linha junto á roda do leme. Um clarim tocou a sentido e procedeu-se então á leitura da portaria de nomeação e da notificação da posse.

Não houve discursos. O comandante Carvalho Crato, com a sua farda constelada de condecorações entre as quais rebrilhava a Legião de Honra, limitou-se a proferir breves palavras evocativas dos tempos da Marinha de vela, tempos distantes dos quais a fragata «D. Fernando» é hoje uma recordação saudosa. Lembrou nomes de grandes manobreiros da vela que honraram a Marinha em competição com unidades estrangeiras escrevendo paginas admiraveis para a historia da Armada Nacional.

Terminou manifestando a certeza de que todos os marinheiros compreenderão residir na disciplina, na boa vontade e na dedicação pelo serviço, o maior motivo de prestigio para a farda da Marinha e para a nação.

A revista, o desfile da guarnição e o hastear do distintivo

Em seguida, o novo comandante das forças navais acompanhado por diversos oficiais, passou revista á guarnição, após o que toda a marinhagem desfilou em continencia com grande aprumo.

Foi então içado a bordo o distintivo de navio-chefe no Tejo.

O sr. comandante Carvalho Crato foi depois apertar a mão a todos os oficiais presentes, manifestando a boa impressão que lhe deixara a apresentação das praças.

O novo comandante desembarcou pelas 14 horas, no Arsenal, e dirigiu-se ao Ministerio da Marinha onde fez a sua apresentação ao ministro e aos almirantes com funções de comando.

Durante a tarde foram a bordo da fragata «D. Fernando» os comandantes da Flotilha Ligeira, da esquadrilha de submarinos e de todas as unidades surtas no Tejo, apresentar cumprimentos ao novo comandante das forças navais, sendo recebidos com as honras da ordenança.

Logo que o material da Escola de Artelharia Naval seja transferido de bordo da fragata para as novas instalações no Alfeite, a «D. Fernando» ficará apenas como navio-chefe no Tejo.

UM PASSEIO QUE SAIU CARO

AVENTURA DE UM PRETO E DE DUAS BRANCAS

O cauteleiro Pedro do Castelo, de côr, que trabalha diariamente na venda de jogo da lotería, no sabado ultimo, entrou numa taberna onde esavam a comer uma mulheres de reputação duvidosa, acompanhadas dum «chauffeur». As mulheres quando o Pedro do Castelo entrou na taberna, disseram-lhe:

—O' «Preto», não queres comer?

—Não!—respondeu o rapaz.

Mas elas insistiram: Anda aqui para o nosso lado, «Preto»...

E «Preto», tão vivamente instado, acedeu por fim, associando-se ao banquete... Tomou uns copinhos, e, depois armado em pessoa generosa de teres e haveres, disse:

—Quem paga a conta, sou eu!

—Tens, então, muito dinheiro?

—Tenho cento e tal escudos, creio que deve chegar.

Veio o criado, o «Preto» pagou a conta e ainda exclamou:

—Isto foi barato. Ainda fico com uma nota de cem.

Foi o que as suas improvisadas companheiras quiseram ouvir. E o «chauffeur», que as acompanhava, proferiu, num desalento:

—O dia hoje foi fraquissimo! Nem para a gasolina ganhei... Querem V. V. ir dar um passeio até Loures? E' de graça...

Não houve, é claro, uma unica voz descordante. Era de graça...

Meteram-se todos no automovel indo ao lado do condutor uma das mulheres, e dentro do carro outra juntamente com o Pedro do Castelo.

Já depois do Lumiar uma das mulheres disse-lhe:

—Mostra cá a nota, ó «Preto».

O rapaz, confiadamente, entregou o dinheiro á rapariga, que com tão bons modos lho pedia.

Momentos depois, quando o Pedro do Castelo pedia o dinheiro, sucedia o caso curioso dele haver desaparecido como que por encanto, e de ninguem saber dar noticias dele. Para cumulo, o motorista exigia o pagamento do «taxi», e por mais que o rapaz dissesse que era convidado, o motorista não se conformava...

Finalmente, tudo se resolveu: o Pedro do Castelo ficou preso por não ter a importancia de 30$00 que o «taxi» marcava, e o motorista e as mulheres foram á sua vida.

O agente Seixas, depois de ouvir as personagens desta cena, ficou com a impressão de que o rapaz foi a unica vitima no meio de tudo isto. Mas como ele não pode apresentar testemunhas de defesa, ainda por cima vai ser enviado á Boa Hora.

MANIFESTOS CLANDESTINOS

Prosseguem as investigações sobre o caso do «Avante»

A Policia de Vigilancia e Defesa do Estado prossegue nas suas diligencias para a descoberta dos elementos que estavam em relação com os trabalhos de redacção, composição e impressão do jornal clandestino «A'vante», orgão do Partido Comunista. Os individuos presos, entre os quais se encontram um antigo professor liceal e três mulheres, têm sido insistentemente interrogados, e, mercê desses interrogatorios, dos documentos apreendidos e de indicações que aquela Policia já possuia, têm-se realizado novas prisões.

As autoridades não duvidam de que têm nas mãos a meada do principal nucleo comunista existente em Portugal.

Como se sabe, o local onde estava instalada a redacção do «A'vante» era o terceiro andar do predio 180, da rua da Beneficencia, ao Rego, andar a que um dos implicados lançou o fogo, ao verificar que um dos seus companheiros fôra preso á porta do predio, e ao compreender que não se faria demorar um assalto policial.

O incendio destinava-se a fazer desaparecer todos os documentos compromtedores, mas a rapida acção dos bombeiros e da Policia inutilizou em grande parte os efeitos de tal estratagema, sendo apanhados muitos elementos de grande valor para o prosseguimento das averiguações, bem como os três individuos que se encontravam na sede do «A'vante» e que tentaram resistir ás autoridades e fugir no meio da confusão natural provocada pelo fogo e pelo tiroteio travado entre eles e os agentes.

Entre os documentos encontrados, figura uma lista de pessoas que recebiam diversos exemplares de cada numero do «A'vante», para procederem á sua distribuição em diversas empresas comerciais e industriais.

A secção portuguesa da Internacional Comunista—que tambem tinha a sua sede no referido andar—era dividida em diversas secções, sendo uma delas, a de Imprensa e propaganda, dirigida por um dos individuos que ali foram presos. E não era o «A'vante» a unica publicação por ela editada, visto que tambem dali saiam, frequentemente, manifestos subversivos que eram largamente distribuidos pela cidade.

Segundo as nossas informações, a Policia conseguiu esclarecer tudo quanto se referia ao «A'vante» e aos manifestos: a identidade dos seus autores, os locais onde eles eram redigidos, compostos e impressos, e a proveniencia dos dinheiros necessarios para custear tais despezas. Estes advinham, em grande parte, de subscrições feitas em diversas empresas, a pretexto de auxiliar camaradas doentes. Mas parece provar-se que alguns dos presos receberam tambem quantias provenientes do estrangeiro.

Alguns dos individuos implicados, ao saberem da descoberta da sede e da apreensão de documentos, ausentaram-se de Lisboa, pelo que a Policia de Vigilancia e Defesa do Estado tem procedido, e continua procedendo a diversas diligencias nos arredores da capital e nalgumas localidades da provincia, para onde têm sido enviadas fotografias dos individuos procurados pelas autoridades.

Incendios

Pelas 12 e 22 declarou-se com violencia incendio no madeiramento do predio n.º 13 da rua S. Francisco de Sales do qual é proprietario o sr. Antonio Maria Bartolomeu Ferreira.

O incendio consumiu parcialmente o madeiramento propagando-se ainda aos tectos do 3.º andar, habitado pelo sr. José dos Santos Lucas, onde causou prejuizos de certa importancia.

Compareceram prontamente com o respectivo material os Sapadores Bombeiros da 1.ª Companhia que sob a direcção do chefe Joaquim Pais extinguiram o incendio com o emprego de uma agulheta.

Foi um curto-circuito na instalação electrica que deu origem ao incendio.

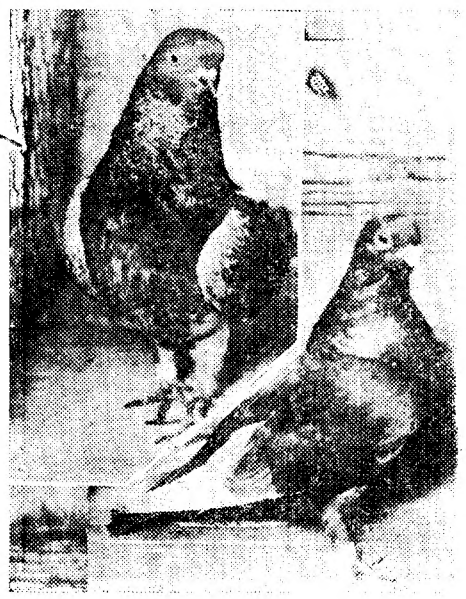
O melhor Bolo-Rei
PATISSERIE VERSAILLES

UMA EXPOSIÇAO

—o-o—

Pombos de ano

na Associação de Agricultura



Dois exemplares curiosos

Entre os alados que Noé meteu na sua urca biblica, para os salvar do diluvio universal, ha um pelo qual o genero humano tem uma particular ternura. E' o pombo, elegante, inteligente, com o seu torcaz de variegadas côres, que noutro tempo, era mensageiro da paz e do amor, foi nestas condições que ele sobrevoou a terra renascida, e que hoje é empregado na guerra, como minusculo avião correio, não só graças ao seu sentido de orientação, mas ainda á sua incrivel velocidade. Portugal é um país de columbofilos: segundo as mais recentes estatisticas ha trinta mil, perfeitamente organizados e identificados, não sabemos se com imprensa privada, mas, de certeza, absolutamente apaixonados na criação dos graciosos alados, que Raimundo Correia cantou num soneto celebre: *Vai-se a primeira pomba despertada, vai-se outra, outra mais...*

Todos os anos ha uma exposição, á qual concorrem dezenas de tratadores, com os seus melhores exemplares. A que se inaugurou hoje, na Associação da Agricultura, é a oitava. Estão ali mais de trezentas aves, de diversas categorias, algumas com o peito rutilante de medalhas e premios, que arrulham na satisfação de se verem admiradas e requisitadas pelos seus donos ou admiradores... O pombo nacional, o autentico, é o chamado pombo mariola. Pupila desconfiada, escondendo-se na palpebra nictitante e enciumado como Otelo—os escandalos dos pombais terminam sempre em tragedia!—a casta nacional pode, com orgulho, apresentar-se ao lado das melhores do estrangeiro. São grandes e gordos, como perus, admita-se o exagero e mostram, com garridice as suas plumas macias e coloridas. Ha os que se vestem de arminhos, como reis, no dia da coroação; outros, que desdobram o leque da cauda, numa arrogancia de pavões, em versos decadentes e bizarros á Eugenio de Castro, paginas da «Belkiss» ou do «Sagramar»; e outros ainda, que furiosos no seu pequeno deserto de areia doirada, não arrulham, nem mexem, prisioneiros do seu garbo heraldico, da sua aristocracia de raça, da taça de honra que lhes foi conferida, e que o dono guarda como um trofeu sem preço.

Nôutra galeria, os pombos correios. São todos belgas de origem. Dir-se-ia que na patria do rei Leopoldo a posta é toda columbidia. São corredores magnificos. Ha os que podem fazer a «performance» de dois mil quilometros, em «étapes» diarias de seicentos. Um pombo correio, que se presa, tem uma anilha, que o identifica nos serviços do pombal militar, e ser mobilizado, como qualquer de nós, em caso de guerra. São eles que, muitas vezes, salvam as cidades sitiadas, ou estabelecem comunicação, entre regimentos dispersos, no terreno da batalha. A T. S. F. pode ser interferida; o avião de caça abatido por um revolver anti-aereo, mas um pombo passa sempre, muito alto, minusculo, levando a ordem estrategica, da qual depende o resultado do combate. Ha que vêr esta graciosa exposição, em pleno Chiado, onde falta, apenas, um exemplar dos pombos do Camões. Mas esses fazem parte da arquitectura aerea da cidade, e pertencem a todos nós. Pelo menos, aos ultimos poetas romanticos, que ainda olham para o ceu, cantando as suas «penas», e as deles!

TAPETES PORTUGUESES

Ninguem compre sem visitar a interessante exposição da *Casa de Artigos Regionais*—Arte e Ménage—Alecrim, 71, 1.º—Telef. 2 0711.

POLITICA FRANCESA

Um importante conselho de ministros

para tratar da situação financeira e social

PARIS, 13—Fournier, governador do Banco de França, chegou ao Hotel Matignon ás 12 e 55, e saiu depois de conferenciar, no gabinete do presidente do conselho com Chautemps e Bonnet.

O conselho de ministros reuniu-se logo depois, terminando ás 13 e 25. Dormey anunciou que Chautemps fará uma declaração na Camara dos deputados esta tarde.

O governo examinou medidas de ordem tecnica para impedir a especulação contra o franco sobretudo a suspensão das cotações na Bolsa mas parece que ainda não foi tomada qualquer decisão.

Depois da reunião do conselho de gabinete, William Bertrand leu á Imprensa o seguinte comunicado:

«O presidente do conselho e o ministro das Finanças puzeram o conselho ao corrente da situação politica e financeira e das graves reprecussões que tem no mercado dos cambios. O conselho foi unanime na sua vontade de defender energicamente a situação financeira e o franco. Para associar o parlamento e o país a esta obra de salvação nacional foi resolvido que, na tribuna da Camara dos deputados, Chautemps faça hoje a declaração que o governo deve á nação».

Georges Bonnet, por seu turno declarou aos jornalistas:

«O governo foi unanime em repelir todo o controle de cambios e julgar cada vez mais indispensavel o equilibrio do orçamento. Camille Chautemps afirma-lo-á esta tarde na Camara, ao mesmo tempo que manifestará a sua vontade de manter a ordem publica e a legalidade contra todas as agitações».—(Havas)

A prisão dos assassinos dos irmãos Rosselli

PARIS, 13.—A proposito da prisão dos assassinos dos irmãos Rosselli, os jornais dão a entender que os investigadores têm a convicção absoluta—baseada em informações seguras—de que o assassino do economista russo Navachine—apunhalado no Bosque de Bolonha—pertence igualmente á organização secreta C. S. A. R.—(Havas)

PARIS, 13.—Ainda não tinha desaparecido a comoção provocada pela descoberta dos autores do atentado da «Etoile», quando o inquerito acêrca da actividade criminosa do C. S. A. R. acrescentou ao activo daquela organização um duplo crime que causou grande sensação em junho de 1937: o assassinio dos irmãos Rosselli perpetrado perto de Bagnoles (Orne).

Qual seria o mobil que levou o C.S.A. R. a cometer aquele crime? A Segurança Nacional ainda não respondeu a esta pregunta.

A Segurança Nacional soube, em setembro de 1937, que um certo Borvier, que havia pouco fôra encorporado no terceiro regimento de caçadores de Africa, se teria gabado de ter assistido ao assassinio dos irmãos Rosselli e teria falado dum tal André cujos sinais se poderiam confundir com os de Charles Huguet.

Os nomes Bouvier e Huguet figuravam numa lista de partidarios do C. S. A. R. apreendida durante as buscas efectuadas pela Policia de Segurança. Soube-se pouco depois que aqueles dois homens estiveram por varias vezes em Bagnoles parecendo encarregados da missão de vigiar os irmãos Rosselli.

Um inquerito efectuado naquela localidade levou um inspector da Segurança a partir para Constantino (onde está aquartelado o regimento de Bouvier), onde este foi interrogado de acôrdo com as autoridades militares. Bouvier confessou que exercera vigilancia sôbre os irmãos Rosselli, em Bagnoles.

«No dia 9 de junho, disse, encontrou em frente da estação de Bagnoles um antigo condiscipulo do liceu de Angers que tambem pertencia ao C. S. A. R. Depois puseram-se em contacto com os quatro assassinos dos jornalistas italianos. Ao principio da tarde aqueles seis homens partiam para Alencon atrás do automovel dos irmãos Rosselli. Os quatro assassinos seguiam num automovel «Peugeot» e Bouvier e o seu antigo condiscipulo Fauran seguiam noutro automovel a uma distancia duns 600 metros. Perto do castelo de Glos-la-Ferrière ouviram dois tiros e compreenderam que se tinha dado um acontecimento de gravidade.

E'is os nomes dos assassinos: Jakubiez, Pieureux, Filliol, mas Bouvier não se recorda do nome do quarto. As declarações de Bouvier levaram a Policia a interrogar Fauran, que vive em Paris, o qual confirmou quanto o seu antigo condiscipulo dissera. Bouvier acrescentou que partira para Bagnoles por ordem de André Tenaille. Filliol, ainda a monte. Pieureux está preso. Jakubiez e Tenaille já haviam sido presos por detenção de armas e fazerem parte duma associação de malfeitores.—(Havas).

Alarme injustificado

acêrca da queda dum avião

Correu esta manhã em Lisboa a noticia de que caira proximo de Tavira um avião de passageiros, chegando a afirmar-se que o numero de mortos era de cinco. Felizmente, a noticia era infundada e teve origem no facto de uma mulher ter visto passar ontem sôbre Cacela o avião das carreiras regulares da Aero-Portuguesa que regressava de Tanger, deixando de o avistar, a certa altura, por ter ficado encoberto pelos montes vizinhos, o que lhe deu a impressão de que o aparelho se despenhara no solo.

Esta manhã, a referida mulher comunicou o facto no posto da Guarda Fiscal daquela localidade, que por sua vez fez a participação para Tavira, donde o caso foi comunicado para Faro.

Justamente alarmados, compareceram no local onde se dizia ter caido o avião o governador civil de Faro, o chefe do Departamento Maritimo do Sul, o chefe da Policia de Faro, bombeiros de Vila Real de Santo Antonio com os respectivos pronto-socorros, etc.

Vestigios do avião não apareceram, donde se concluiu que se trata dum rebate falso, tanto mais que as autoridades do Algarve telefonaram para os varios aerodromos do país, obtendo de todos a informação de que não faltava nem era esperado nenhum aparelho que pudesse ter sofrido o desastre que, felizmente não se deu.

Direcção da Marinha Mercante

O sr. capitão de mar e guerra Rocha e Cunha que passou á reserva pela letra do novo Estatuto dos Oficiais da Armada deve entregar amanhã ao oficial da mesma patente sr. Azevedo Franco as funções de dircetor da Marinha Mercante.

Visita do sr. Cardial Patriarca

á Casa de Santo Antonio

A prestimosa e benemerita Casa de Protecção e Amparo de Santo Antonio, á calçada das Necessidades, foi hoje visitada pelo sr. Cardial Patriarca de Lisboa. Pelas 16 horas, chegou ali o sr. dr. Manuel Gonçalves Cerejeira, acompanhado do sr. dr. Carneiro Mesquita, seu secretario particular.

O sr. Cardial Patriarca, que foi recebido por muitas senhoras á frente das quais se encontram as sr.as D. Isabel de Melo e Almada, presidente da direcção e viscondessa de Atouguia, D. Maria da Cunha Correia, D. Mercedes Plantier, D. Helena Ferrão e condessa de Sabugosa, visitou todas as dependencias daquela obra de assistencia e protecção ás crianças e mãis abandonadas, inteirando-se com vivo interesse do seu funcionamento e da obra social que está a realizar, pois encontram-se actualmente ali internadas quarenta crianças e algumas mãis.

NOTICIAS DO TOREL

ALFAIATE MODELAR.—O agente Cardoso de Figueiredo prendeu ontem o alfaiate Antonio da Silva Cardoso, residente na rua Ilha do Grilo, 20 r/c, que em tempos teve uma oficina na rua dos Fanqueiros, 346, 3.º, por ter empenhado seis gabardines pertencentes a diversos clientes, 4 aparelhos de T. S. F., duas maquinas de costura e dois cortes de fazenda. Todos estes objectos foram apreendidos pelo agente investigador. Existem contra o mesmo alfaiate quinze queixas.

CHEQUES SEM COBERTURA.—O sr. Eduardo Augusto de Sequeira, rua Afonso Domingues, 164, queixou-se na P. I. C., contra um indivduo que lhe deu para pagamento duma conta na importancia de 12.000$00, um cheque que depois verificou não ter cobertura.

DE LUTO

José de Carvalho Neves

RIO DE JANEIRO, 13. — Faleceu hoje repentinamente o sr. Carvalho Neves, adido comercial á embaixada de Portugal. — (A.).

José de Carvalho Neves era um espirito culto, servido por uma bela inteligencia e por um coração bondoso.

Propagandista republicano desde longa data, foi, dentro do regime, uma figura de idealista na melhor acepção do termo.

Brasilofilo entusiasta realizou, através de toda a sua vida, uma intensa obra de aproximação luso-brasileira.

Nas funções de adido comercial á nossa embaixada no Rio, Carvalho Neves serviu sempre com aprumo os interesses nacionais constituindo ao mesmo tempo a sua obra mais um traço de união entre os dois países irmãos

A vida de Carvalho Neves é um exemplo frisante de quanto podem o esfôrço e a inteligencia ao serviço de uma vontade forte. Filho de gente humilde, este homem venceu na vida á custa do seu proprio trabalho e logrou alcançar, merecidamente, uma situação de relêvo.

Foi colaborador do nosso jornal, onde publicou uma série de interessantes artigos. Nasceu em 1 de janeiro de 1872 contando, portanto, 66 anos e era natural de Lisboa.

A' familia enlutada apresentamos as nossas condolencias.

José Agostinho de Oliveira

Faleceu hoje, na rua Ilha Terceira, n.º 31, o escritor e jornalista sr. José Agostinho de Oliveira, que contava 72 anos. Era natural de Lamego, e exercia ha muito tempo o cargo de critico literario no nosso colega «A Voz».

José Agostinho era uma figura muito conhecida nos meios literario e jornalistico do país, a-pesar da sua propensão para se isolar, fugindo a toda a sorte de exibicionismos.

Viveu sempre da pena, e pode afirmar-se que o seu maior prazer consistia em estudar e em escrever. A sua erudição era enorme e a sua bagagem de conhecimentos complexa e vastissima como o demonstra a sua grande obra. Depois do jornalismo, pelo qual começou a sua carreira, enveredou decididamente pelo caminho das letras, tornando-se uma figura destacada.

José Agostinho cultivou com brilho todos os generos literarios, em prosa e em verso, desde a historia ao romance, e da novela á critica literaria: — são duzentos volumes por ele legados ás letras patrias. Traduziu, além disso, muitas obras do estrangeiro, e publicou outras, com pseudonimo.

Os seus livros principais, e que ao acaso nos ocorrem em obra tão vasta como a sua, são os seguintes: «A chave dos Lusiadas», texto do poema parafraseado e anotado; «Historia de Portugal» de 1820 a 1910 (continuação da Historia de Portugal de Schaefer); «Camilo e a sua psicologia»; «Eça de Queiroz e a critica»; «Alexandre Herculano»; «Cristo»; «Poema do Ar»; «Poema da Paz»; «Afonso de Albuquerque»; «Tragedia Maritima»; «Caminho das Lagrimas»; «Questões sociais e religiosas».

A-pesar do seu intenso labôr e de consumir a sua vida no estudo, José Agostinho morre pobre. Só nos ultimos anos da sua vida haviam-lhe os seus amigos conseguido uma colocação no ministerio da Educação Nacional, encontrando-se á hora da sua morte, na situação de reformado.

A noticia da sua morte causou uma profunda consternação no jornal «A Voz», onde o extinto trabalhava ha quinze anos, motivo por que dirigimos áquele nosso colega a expressão das nossas condolencias.

O funeral realiza-se amanhã, para cemiterio e a horas ainda a determinar.

A Musica

Lotte Schoene

A' Sociedade de Concertos de Lisboa pertence a honra de ter finalmente trazido a Portugal a insigne cantora Lotte Schoene, cuja fama tinha ha já alguns anos despertado o mais vivo interesse no nosso meio musical.

Mas não basta ter fama, mesmo justificada, para agradar em Lisboa. E ainda bem que não ha disparidade entre as maravilhosas qualidades da cantora austriaca e as tendencias dos nossos diletantes, muito exigentes e muito peremptorios nas suas inclinações. Lotte Schoene, que é de facto uma artista de eleição, conquistou o publico logo nas primeiras melodias de Schubert com que abria o seu primeiro programa,—conquista levada não só pela purissima qualidade da voz e da tecnica, pela profunda inteligencia musical, pela sensibilidade intensa, mas tambem por um triunfante, soberano encanto pessoal. A graciosidade das feições e da figura, a modalidade expressiva e harmoniosa da fisionomia e das atitudes, a elegancia sobria mas rica do vestuario, até, contribuem para um conjunto em que não ha uma dissonancia.

Profundamente emotiva, sim, e sugestiva até onde o que intrepreta o requere, Lotte Schoene porém nunca é patetica no sentido pejorativo da palavra. A sua dicção, finissima, nunca emprega três *erres*, nem arranha a garganta, nem exagera as prolongações das terminações femininas. O bom gosto parece nato nela, e a naturalidade é o produto duma consciencia sempre vigilante apoiado no referido bom gosto.

Sem prejuizo da admiração geral, permitir-nos-emos marcar algumas preferencias, de resto implicitamente contidas nas rapidas apreciações acima reproduzidas. Schubert e Schumann estão fora de causa, são uma das substancias da arte de Lotte Schoene; mas agradou-nos mais completamente em Granados («Maja dolorosa», «Maja discreta»), do que em Fala, («Jota» «Nana»); e não gostamos tão absolutamente de lhe ouvir Duparc («Chanson triste», «Soupir») como gostámos de lhe ouvir Debussy, («Clair de lune», «Pierrot»). Ao tado deste «Pierrot», colocaremos, como realização interpretativa que ultrapassa os possiveis elogios verbais, «La danse des Elfes», de Wolf.

A acompanhadora de Lotte Schoene, Claire Lipmann, está por assim dizer identifcada com a celebre cantora. Dispõe duma tecnica que lhe permite ser nada menos que perfeita, e a coesão estetica é absoluta ,no ritmo, nas intenções, nas sonoridades,—a pontos de ficarem de pé as reservas a respeito de Falla (mais do que a respeito de Duparc, em que a linha vocal absorve mais exclusivamente a atenção).

No segundo programa, não era facil Lotte Schoene reservar-nos alguma surpresa, nem era preciso; mas iamos ouvi-la na modalidade diferente de trechos com acompanhamento de orquestra,—grato ensejo de reaparecer a Orquestra Sinfonica da Emissora Nacional, sob a regencia de Pedro de Freitas Branco.

A surpresa, sempre a tivemos com a audição dos quatro andamentos da Sinfonia de Haydn conhecida pela «Sinfonia do Relogio», que não estava anunciada. Pedro de Freitas Branco, em forma, deu-nos uma versão de bom estilo, cheia de vida, bem ritmada, e ao mesmo tempo muito á vontade.

Lotte Schoene, em duas das consagradissimas arias das «Bôdas de Figaro» e da «Flauta Encantada» conforme esperavamos, provou que Mozart tambem é uma das substancias de que é feita a sua arte.

Cantora e orquestra, para fechar, fizeram ouvir «Le Berger et le Rocher», de Schubert, com caloroso sucesso. Preferimos contudo,—apenas questão de musica,—a segunda parte desse programa, de novo preenchida sómente por Schumann e Debussy, acompanhada po. Claire Lipmann, que valorizou ao maximo a colaboração do piano.

FRANCINE BENOIT

O dia religioso

AMANHÃ, 14.—Santo Hilario, bispo, confessor e doutor.

Lausperene, está na igreja de Carnide, do recolhimento de Santa Tereza de Jesus, ás 9 missa: ás 17, terço de Benditos. Graça, ás 11, missa no altar do Senhor dos Passos.

Exposição da imagem do Senhor dos Passos nas igrejas do costume.

Abateu um telhado

AZAMBUJA, 12—Abateu uma parte do telhado duma casa no lugar de Vale de Paraiso, onde funciona o lagar de azeite de Horacio Rodrigues de Sousa, comerciante desta vila. O ruido causou grande panico naquela povoação, verificando-se depois que se perdera grande quantidade de azeite de uma talha que foi arrombada, e ter sido atingida na cabeça o encarregado do mesmo lagar, José Dimas, morador em Adeiras de Baixo, que recebeu tratamento no hospital desta vila.

O imposto profissional
e as duvidas que se suscitam

«*Sr. director do «Diario de Lisboa»*:—Como v. sabe, publicaram os jornais de 24 de novembro ultimo. uma «nota oficiosa» do ministerio das Finanças, na qual se esclarecia o pagamento do imposto profissional e, principalmente, o respeitante a «pessoal operario». No final dessa «nota», no seu n.º 3.º, frisa-se «que como sempre foi entendido, os operarios, seja qual fôr a industria em que se empreguem, não estão sujeitos ao imposto *desde que não tenham contrato que lhes assegure uma remuneração anual que exceda os limites da lei.*

Decorrido quasi um mês após a publicação desta comunicação ministerial, os operarios graficos recebem avisos para pagamento desse imposto e do complemento, alcançando essas somas importancias incomportaveis para a situação bastante precária que essa classe atravessa. Tambem se salienta na referida «nota» que «não é *suficiente bastante* para pagamento os proventos obtidos no ano anterior». Como se compreende então que se exija uma contribuição a individuos que não se sabe quanto angariarão no ano a que aquela se refere? Solicita-se nas tesourarias de Finanças esclarecimentos sôbre a doutrina expressa na mencionada *nota* e as divergencias de criterios dos senhores chefes é manifesta. Uns dizem que se está isento de pagamento desde que não existe contrato. Outros informam que se deve pagar a importancia indicada. E ainda outros que é melhor reclamar, em papel selado, a-fim-de ver se os interessados conseguem deferimento á sua pretensão. Apelando para a expansão do «Diario de Lisboa»—jornal sempre solicito a tratar com carinho as questões de interesse colectivo—não seria possivel conseguir-se que do ministerio das Finanças fôsse enviada comunicação para a Direcção Geral das Contribuições e Impostos, a-fim-de a transmitir ás repartições de Finanças dos respectivos bairros, para que se avisassem os interessados—ou memo por intermedio da Imprena—para ali comparecerem, a-fim-de ser cancelada a contribuição exigida, ficando de vez arrumado este tão complicado assunto? E, assim, conseguia-se levar a tranquilidade ao lar de tanto chefe de familia. De V. etc.—*Um operario grafico*».

Manuel Esteves

FALECEU

Seus filhos José Esteves e sua esposa, Manuel, Amadeu, Adolfo, Armando e Aurea Esteves, cumprem o doloroso dever de participar a todas as pessoas das suas relações e amizade o falecimento de seu muito querido e chorado pai e sogro, cujo funeral se realiza amanhã dia 14 pelas 9 horas, saindo o prestito funebre da casa mortuaria do hospital de S José para o cemiterio de Benfica.

Antiga agencia Coelho
(Registada)
29—Rua do Arco da Graça—29-A

Manuel Esteves

FALECEU

English Bar, L.da participa a todos os seus clientes e amigos o falecimento do pai do nosso socio Manuel Esteves Junior, e que o seu funeral se realiza amanhã, dia 14, pelas 9 horas, saindo o prestito funebre da casa mortuaria do Hospital de S. José para o cemiterio de Benfica.

Antiga Agencia Coelho
(Registada)
Telefone 2 878!

Noticias de Santa Cruz do Douro

SANTA CRUZ DO DOURO, (Baião), 11.—Foi prestada condigna homenagem ao sr. dr. José Augusto Pinto da Silva, presidente da Camara deste concelho, pelo grande numero de melhoramentos empreendidos por sua iniciativa. Para tal fim, reuniram-se no salão do Municipio os componentes das Juntas do concelho que prestaram ao seu presidente publico testemunho de gratidão pelo vulto da obra realizada.

—Trabalha-se com grande actividade no empedramento da estrada municipal de Santa Marinha do Zezere. Era uma obra que realmente se reclamava com a maior urgencia, visto de inverno ser absolutamente impossivel o transito, dado o pessimo estado em que se encontrava.

—Na mesma freguesia, vai ser instalada em edificio proprio a Casa do Povo, para o que dentro em breve se dará começo ás obras de edificação.

—A professora da escola de Passos, sr.ª D. Adolfina Pinto da Silva, trabalha com prodigiosa actividade na preparação dos seus alunos para uma simpatica festa escolar a realizar brevemente.

—As magnificas escolas de S. Tomé de Covelas, mandadas construir por J. Ferreira da Cunha, encontram-se em pessimo estado de conservação. Essas escolas, dada a sua grandeza quando bem cuidadas, seriam a gloria dos habitantes da freguesia e a-final são um motivo de tristeza para todos os filhos daquela terra, pelo abandono em que estão. O vulto consideravel da obra e o gesto benemerito, do doador, e a sua memoria tambem, exigem que se cuide o assunto com todo o interesse e carinho.

DE LUTO

D. Olimpia da Assunção Machado Correia

Da sua residencia para o cemiterio oriental, realizou-se hoje o funeral da sr.ª D. Olimpia da Assunção Machado Correia, de 64 anos de idade, esposa do sr. Serafim dos Santos Correia.

A virtuosa senhora era mãi das sr.as D. Benita Machado Correia de Sequeira, esposa do nosso colega de Imprensa sr. Antonio Sequeira; Zulmira Machado Correia e Etelvina Machado Correia e dos srs. João Machado Correia guarda-marinha, actualmente nas colonias, José Machado Correia e Anibal Machado Correia.

Manuel Esteves

Faleceu o sr. Manuel Esteves, de 62 anos, natural de Monção, pai do socio da firma English Bar, L.da. O funeral realiza-se amanhã, do hospital de S. José para o cemiterio de Benfica.

Celestino da Silva Castro

CABECEIRAS DE BASTO, 13—Realizou-se ontem o funeral do sr. Celestino da Silva Castro, irmão do arquitecto sr. Baltazar de Castro. A sua morte foi muito sentida.

Crime grave

VILA DO CONDE, 12—Acaba de ser julgado em tribunal colectivo composto pelos meretissimos juizes desta comarca, Povoa de Varzim e Espozende o acusado dum crime grave, João Fernandes Vilela, funcionario hidraulico, de Vila Verde. O reu foi condenado em dois anos de prisão correccional; 5 mil escudos de indemninização á vitima com o respectivo imposto de justiça e adicionais. Este julgamento despertou bastante interesse na localidade.

O delegado do Procurador da Republica agravou da sentença e o condenado tambem.

CARTAZ

TEATROS

Nacional—A's 21 e 30—«Camaradas...»
Avenida—A's 21 e 30—«Antes que cases...».
Variedades—A's 20 e 45 e ás 23—«Olaré quem brinca!».
Coliseu—A's 21 e 30—Companhia de circo.

CINEMAS

S. Luiz—A's 21 e 30.
Tivoli—A's 21 e 30.
Politeama—A's 21 e 15.
Capitolio—A's 21 e 15.
Central—A's 21 e 30.
Chiado Terrasse—A's 21 e 15.
Condes—A's 21 e 30.
Lys—A's 21 e 15.
Odéon—As 21 e 15.
Olimpia—A's 14 e 30 e ás 21.
Palacio—A's 21 e 30.
Paris—A's 21 e 30.
Royal—A's 21.
Rex—A's 21.
Salão Ideal—Rua do Loreto.

4 Mobilias—3.500$00

Quarto, casa de jantar, escritorio e sala, 33 peças—Facilidades de pagamento.
ESTABELECIMENTOS MATEUS
156, R. S. Lazaro, 172 telef. 4 0538

BOLSAS

13 de janeiro

CONTADO

VALORES	Ultimo	Compra	Venda
Fundos do Estado			
onsolidado 4 3/4 1936 s/j	949$00	949$00	950$00
4 0/0 1934	98 $0	979$00	981$00
mprestimo 4 1/2 0/0 1912	2.210$00	2.210$00	—
onsolidado 4 1/2 0/0 1933	1.021$00	1.020$00	1.022$00
4 3/4 1934		1.143$00	
5 1/2 0/0 1933	1.06 $0	—	
xterno 3 0/0 1.ª Série	1.730$00	1.731$00	1.732$00
3 0/0 2.ª	—	—	
3 0/0 3.ª	—	1.723$00	1.730$00
autelas s/juro 3.ª Série	—	163$50	164$50
Acções			
BANCOS			
spirito Santo e Comercial de Lisboa	—	—	770$00
isboa & Açores, port.	—	—	—
ortugal, portador	1.125$00	1.125$00	1.126$00
C.as DE SEGUROS			
onança	—	—	—
idelidade	—	—	—
undial	—	—	—
acional	—	740$00	780$00
agres	—	—	—
agua	—	—	—
C.as DIVERSAS			
P. ordinaria	—	—	—
» privilegiadas	11$00	10$6	11$00
guas de Lisboa, port.	—	—	—
» ass. 1934	—	140$00	—
» ass. 1936	—	—	—
redito Predial	15$00	14$80	15$00
az e Electricidade	313$00	312$50	313$50
ortugal e Colonias	85$50	86$50	86$80
avegação	126$00	125$50	126$00
ortuguesa de Pesca	—	—	—
» de Tabacos	404$00	403$50	404$00
abacos de Portugal	349$	348$.0	350$00
abaqueira	—	—	—
nião Electrica Portug.	200$00	—	205$00
COLONIA			
çucar de Angola	395$00	—	—
usi — 1.ª Emissão		48$50	49$50
» — 2.ª			
ha do Principe, as.	395$00	395$00	397$00
Obrigações			
P. 6 0/0	181$00	181$00	185$00
rediais 6 0/0 — 1932 1.ª S			90$00
» 6 0/0	103$50	102$60	103$00
nião Elect. Port, 6 1/2 0/0			
» » » 5 0/0		103$00	104$50
usi 9 0/0	111$00	111$0	111$50
» 6 1/2 0/0	—	115$00	120$00

HENRIQUE DE BARROS GOMES
Corretor oficial da Bolsa de Lisboa
TELEF. 2 5482 RUA S. JULIÃO 69

CAMBIOS

	Compra	Vendas
ondres	110$17	110$19
aris	$74,1	$74,2
adrid	1$28,0	1$28,1
ew-York	22$04.2	22$05,4
urich	5$09,5	5$09,8
oma	1$16,0	1$16,0
ruxelas	3$73,4	3$73.6
msterdam	12$27,2	12$27,8
erlim	8$88,3	8$88,7
raga	$77,4	$77,4
io de Janeiro	1$16,1	1$16,2
ibra ouro	—	—

XIX Feira de Milão

A Direcção Geral do Comercio comunicou á Associação Comercial de Lojistas de Lisboa que o nosso país foi convidado a participar na XIX Feira de Milão, que deve efectuar-se de 18 a 27 de abril proximo. Na Repartição do Fomento Comercial prestam-se as necessarias informações.

As temperaturas de hoje

LOCALIDADES	Temperatura as 9 h. 37 m.	Maxima nas 24 horas	Minima nas 24 horas
Lisboa	11°,5	14°,5	10°,7
Porto	—	13°,2	11°,3
Montalegre	—	—	—
Moncorvo	11°	14°	10°,5
Guarda	5°,2	8°	4°,6
Serra da Estrela	2°,4	8°,1	0°,9
Castelo Branco	9°,5	12°	8°,5
Caldas da Rainha	10°,9	14°	10°,9
Campo Maior	12°,1	16°	9°
Monte Estoril	12°,9	14°,5	11°,7
Evora	10°,3	12°,7	8°,6
Beja	11°,2	14°,7	8°,7
Praia da Rocha	9°,3	16°	7°
Lagos	11°,6	15°	9°
Faro	13°,9	16°	9°
Caramulo	7°	9°,4	6°,7

Funerais e Trasladações
Agencia M. Ferreira dos Santos
RUA DE ARCOS, 111 — Telf. 41987
SERVIÇO PERMANENTE

ESTRANGEIRO

DR. W. ALEXANDER-KATZ
Retomou a clinica
DOENÇAS DOS OLHOS
R. da Vitória, 38 16 ás 19 h.

Noticias do Brasil

Um telegrama de Getulio Vargas ao general Justo

RIO DE JANEIRO, 13.—O dr. Getulio Vargas, que, de regresso de Uruguayana, onde se encontrou com o presidente da Republica Argentina, se dirigiu a S. Borja, sua terra natal, enviou dali ao general Justo, que perdeu o filho no terrivel desastre de aviação que custou a vida a nove oficiais do exercito argentino, o seguinte telegrama:

«Impressionado com o desastre ocorrido no regresso da comitiva do ilustre presidente, acompanho o preclaro amigo no duro golpe que tão profundamente atingiu seu coração de pai, amigo e Chefe do Estado, enviando a expressão dos meus sentimentos mais sinceros e do meu mais profundo pesar».—(Americana).

Dr. Afranio Peixoto

RIO DE JANEIRO, 13.—A bordo do «Alcantara» chegou o dr. Afranio Peixoto, que representou a Universidade do Distrito Federal nas festas da Universidade de Coimbra. Teve uma grande recepção.

O ilustre professor, abordado pelos jornalistas, referiu-se com entusiasmo ás festas e mostrou-se muito honrado com a distinção pela qual lhe foi conferido o titulo de doutor «honoris causa». O eminente escritor e camonista enalteceu a cultura portuguesa e referiu-se com elogio á presença, em Coimbra, do representante do sr. General Carmona, dos srs. Cardial Patriarca de Lisboa, dr. Oliveira Salazar, Carneiro Pacheco, delegações estrangeiras, etc.—(Americana).

A viagem do Conde Pereira Carneiro

RIO DE JANEIRO, 13.—Os jornais referem-se largamente á viagem do conde Pereira Carneiro pela Europa e anunciam que aquele titular embarca no dia 14, no «Cap Arcona» para o Rio de Janeiro com planos novos de acção industrial.

O conde Pereira Carneiro, que fundou, há dez anos, a primeira empresa de navegação aerea no Brasil, interessou-se especialmente, sobretudo na Alemanha, pelos assuntos referentes á aviação.

O grande industrial referiu a um correspondente as suas impressões sôbre a nova Alemanha, dizendo que o impressionaram tanto as obras sociais como as materiais. Mostrou-se muito satisfeito por os serviços radiofonicos alemães terem convidado o maestro Francisco Mignone, chefe das emissões musicais do posto radio do «Jornal do Brasil», propriedade do conde Pereira Carneiro, para dirigir concertos de musica brasileira na emissora de Berlim.

A aeronautica alemã entusiasmou-o. «Esta admiração, disse, já é antiga, pois todos os aviões para as carreiras aereas que fundei, entre elas o famoso J. 52—, são de origem germanica».

Tem plena confiança no serviço transatlantico pelos «Zeppelins». O desastre de Lakehurst não lhe abalou esta convicção. Sua esposa foi a primeira senhora brasileira que atravessou o Atlantico no «Zeppelin».—(Americana).

O exercito britanico

LONDRES, 13 — O Ministerio da Guerra anuncia que os alistamentos para o exercito territorial ingles durante o ano de 1937 se elevam a 45.320 homens. Estas cifras constituem o maximo dos alistamentos annais depois da grande guerra. O exercito territorial compõe-se actualmente de 150.000 soldados e de 9.050 oficiais.—(D. N. B.)

Foot-Ball em Coimbra e no Porto

No proximo domingo jogam em Coimbra os Belenenses com a Associação Academica e, no Porto, o Academico com o Benfica.

Para se facilitar a deslocação dos desportistas a C. P. organiza um comboio especial de ida e volta, classe unica, ao preço de 55$00 para o Porto e 33$00 para Coimbra.

Brevemente será publicado o horario.

A inscrição e marcação de lugares pode fazer-se nas Informações da estação do Rossio.

Na Russia sovietica

Reunião do Supremo Soviete

MOSCOVO, 13.—Reuniu-se ontem ás 22 horas pela primeira vez o Soviete das nacionalidades. Depois da eleição do presidente e vice-presidentes, a assembléa nomeou a comissão permanente dos Negocios Estrangeiros composta de nove membros, a que preside Bulganine, presidente do conselho dos comissarios do povo da R. S. F. S. R.

Otto Schmidt, chefe da direcção geral da via maritima do Norte, lembrou á Assembléa as prerogativas que a constituição confere ao Supremo Soviete em materia de politica internacional: ratificar os tratados e decidir a paz e a guerra.—(Havas).

A composição do novo organismo

LONDRES, 13.—O «Daily Telegraph» dá alguns pormenores sôbre a composição do Supremo Soviete. O numero de deputados judeus não é muito elevado em comparação com a grande influencia judaica exercida na U. R. S. S. Seria, no entanto, erroneo querer concluir que se trata duma certa tendencia anti-semita. O mesmo jornal recorda que posições importantes estão nas mãos dos três judeus Kaganovitch e que o editor da «Pravda», Mekhlis, assegura agora a direcção politica do exercito vermelho. Litvinoff é ministro dos Negocios Estrangeiros e a revolução mundial continua a ser objectivo principal dos sovietes.—(D. N. B.).

A nova situação romena

Uma reunião em Paris

PARIS, 13.—Reuniu-se ontem á noite no gimnasio de Japy a Frente Mundial contra o racismo e anti-semitismo, que aprovou uma moção de protesto contra a smedidas tomadas pelo governo Goga. Durante a reunião fizeram uso da palavra diversos oradores, entre os quais o Grão Rabino Kaplan, Léon Jouhaux, Ben Tillett, decano do sindicalismo inglês, representantes dos partidos radical-socialista, socialista e comunista e o representante da Liga dos Direitos do Homem.—(Havas).

A explosão de Harwick

PITTSBURGH, 13.—A explosão da mina de Harwick causou 10 mortos.—(Havas).

O Natal em Belgrado

Os duques de Kent, que foram a Atenas assistir ao casamento do irmão do rei com a neta do ex-kaiser Guilherme II, passaram o Natal em Belgrado, onde assistiram ás cerimonias tradicionais. Nesta gravura vê-se o jovem rei Pedro I atirando com bagos de romã, segundo o costume yugo-eslavo, para a arvore de Natal dos soldados da guarnição de Belgrado

As greves no estrangeiro

Um movimento na Polonia

VARSOVIA, 13.—Numa fabrica de tecidos em Ozerkov, três mil e quinhentos operarios declararam-se em greve e ocuparam as oficinas.—(D. N. B.).

As industrias britanicas

LONDRES, 13.—O Grande Conselho da Federação das industrias britanicas nomeou presidente Peter of Bannett, que tomou parte activa nos trabalhos da Comissão imperial e assistiu pessoalmente á Conferencia de Ottawa.—(Havas).

Importante reunião

dos governos irlandês e inglês

LONDRES, 13.—O ministro dos Dominios publicou ontem á noite o seguinte comunicado: «Foram tomadas disposições para uma reunião entre os representantes dos governos do Eire e do Reino Unido, na qual se discutirão as questões que afectam as relações entre os dois países. De Valera e alguns dos seus colegas encontrar-se-ão com Chamberlain no No. 10 de Wall Street na segunda-feira, 17 de janeiro, de tarde».

Considera-se esta reunião muito importante, pois é a primeira entre homens de estado irlandeses e ingleses, depois da conferencia de 14 e 15 de outubro de 1932, que foi um malogro completo e cuja pedra de escandalo foi a questão das anuidades rurais. Como se sabe, o pagamento destas anuidades ficou em suspenso e esta atitude da Irlanda levou a Inglaterra a aplicar ás exportações irlandesas direitos consideraveis, a que o Estado Livre replicou com direitos igualmente elevados sôbre os produtos britanicos. Põe-se, pois, a questão: De Valera vem a Londres apresentar reivindicações a que não se poderá subscrever ou pelo contrario procura um «modus vivendi» com a Grã-Bretanha?.—(Havas).

A opinião de Imprensa de Londres

LONDRES, 13.—A Imprensa dispensa um acolhimento caloroso á conferencia que se realizará na proxima segunda-feira entre homens de estado irlandeses e ingleses, e sem, todavia, contarem com resultados decisivos, todos os editoriais se mostraram optimistas. Tanto conservadores como liberais e trabalhistas classificam de «excelente» a deligencia de De Valera e auguram o fim da guerra economica entre os dois paises e o apaziguamento num futuro proximo.

No seu editorial o «Daily Telegraph & Morning Post» diz que se De Valera se mostra agora disposto a abandonar a politica de alfinetadas e está pronto a reconhecer que no proprio interesse do seu pais como no interesse da Grã-Bretanha e do imperio, chegou o momento de se solucionar amigavelmente as divergencias antigas e aperceber-se-á de que a opinião publica de Inglaterra está pronta a esquecer o passado, mas necessario é que ele não espere uma solução baseada em concessões unilaterais que a opinião britanica de resto tolleraria.

O «Daily Express», diz que «não esperamos ver todas as nossas divergencias suprimidas com, uma pancada de varinha magica, mas contamos que as duas partes as estudarão muito atentamente e que deixarão intactas sem procurarem modificá-las aquelas sôbre as quais se não possa chegar a acôrdo».—(Havas).

Incendio em Praga

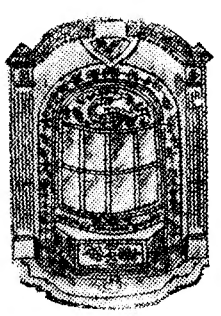
PRAGA, 13.—No incendio da casa dum operario em Klatovo morreram queimadas 3 crianças de tenra idade.—(Havas).

Electro Lisboa, L.da
Vende a prestações magnificos candeeiros electricos, receptores de radio, ferros de engomar, fogões, etc.
Rua Augusta, 246-248
Telef. 2 0568

UMA LATA DE VERDADEIRAS Pastilhas VALDA
bem empregada, e utilisada a proposito resguardará vossa Garganta, vossos Bronchios, vossos Pulmões, combatendo efficazmente DEFLUXOS, BRONCHITES, GRIPPE, ASTHMA, EMPHYSEMA, etc.
Encontram-se em todas as Pharmacias EM LATAS com o nome VALDA
Representante H. REYNAUD LISBOA

A sua qualidade nunca sofre alteração — eis porque fumo
CRAVEN "A"
CIGARROS 100% VIRGINIA
Especialmente fabricados para evitar afecções de garganta
CARRERAS LTD. LONDRES
150 ANOS DE REPUTAÇÃO, PELA SUA MAGNIFICA QUALIDADE

Monte Estoril
Vende-se ou aluga-se Chalet Mario, Avenida Saboia (junto da mercearia Almeida), podendo servir para duas familias com absoluta independencia. Pode ser visto a qualquer hora do dia.

AQUECIMENTO
Fogões e Salamandras

FABRICAS VULCANO E COLLARES
(Carlos Alfredo da Silva, L.DA)
L. Conde Barão, 13 a 17
LISBOA

ETERNA
Nas boas relojarias e ourivesarias

ULTIMAS NOTICIAS

Supersom
— DA —
EMERSON RADIO CORP.
Ouçam! Examinem! e Confrontem
O melhor receptor da S. T. F.
Rua da Conceição, 35-1.º

A GUERRA EM ESPANHA

A aviação de Burgos

voltou a bombardear Port-Bou

PERPINHÃO, 13.—A noite passada os aviões nacionalistas e dois cruzadores, que navegavam com as luzes apagadas, bombardearam Port Bou. Não ha vitimas, mas os estragos são importantes. Apesar dos tiros das baterias anti-aereas, os aparelhos de Franco voltaram a bombardear aquele porto. A estação foi atingida, especialmente a placa giratoria, o que imobilizou varias locomotivas. Cairam tambem varias bombas nas imediações da central electrica. As comunicações telegraficas com Cerbere estão interrompidas.—(Havas).

Bombardeamento de Barcelona

BARCELONA, 13—Ontem de manhã 3 aviões de bombardeamento nacionalista voaram sobre Barcelona e Reus e lançaram bombas. Os estragos materiais foram muito importantes. Houve um ferido.—(Havas)

Viveres para os governamentais

ESTOCOLMO, 13.—Segundo o «Social Demokraten», a C. G. T. sueca expediu grande quantidade de viveres pelo «Burgancia». Aquela organização operaria sueca destinou recentemente 00 mil corôas ao reabastecimento dos governamentais espanhois.—(Havas).

Deputados trabalhistas em Espanha

LONDRES, 13.—Devido á campanha sustentada pelo partido trabalhista no sentido de auxiliar os governamentais espanhois, mais 7 deputados daquele partido partiram esta manhã para [illegible]nha.—(Havas).

Noticias de Gibraltar

LONDRES, 13.—De Gibraltar comunicaram á «Reuter» que para impedir as deserções, cujo numero é cada vez maior, as autoridades nacionalistas colocaram um destacamento de cavalaria na zona neutra situada entre o territorio espanhol e o territorio britanico.—(Havas).

O naufragio do «Guaruja»

ORAN, 13—O contra-torpedeiro «Pomone», que partira para Almeria em busca dos naufragos do navio de carga «Guaruja», entrou ontem á noite no porto de Oran. Pouco depois 40 oficiais e marinheiros desembarcaram. Das suas declarações resulta que o «Guaruja» bateu contra um recife, partindo-se em dois. Imediatamente o salvamento se efectuou por meio de vai-e-vem. Durante esta operação feriram-se alguns homens, entre os quais o capitão, que foi hospitalizado em Oran. Com respeito á causa do choque, o capitão declarou que a tempestade desviou o navio da sua rota e o atirou contra a costa. Segundo declarações de alguns tripulantes, o incidente produziu-se durante a tempestade, prejudicando a manobra: ao saber que se queria conduzir o «Guaruja» para Ceuta, a tripulação opôs-se. Convem, no entanto, acolher estas declarações com todas as reservas.

A agitação na Palestina

JERUSALEM, 13.—Deu-se esta manhã um recontro sangrento entre uma patrulha da policia britanica e um grupo de arabes armados. Os policias tinham cercado uma casa na qual se encontravam quatro arabes armados. Como os arabes se recusaram a entregar a casa, houve uma troca de tiros, ficando feridos um policia britanico e um arabe e tendo morrido outro arabe. Dois dos arabes puderam salvar-se.

A policia, auxiliada por militares, continua a perseguir os fugitivos com aviões e carros de assalto. Aguardam-se outras escaramuças.—(D. N. B.).

O MOMENTO INTERNACIONAL

A primeira entrevista de Beck com Von Neurath

realizou-se esta manhã em Berlim

BERLIM, 13—Vindo de Varsovia, Beck chegou ás 8 horas a Berlim. Amanhã á noite parte para Genebra.

O ministro dos Negocios Estrangeiros da Polonia conferenciou durante hora e meia, na presença do embaixador da Polonia, com von Neurath que em seguida ofereceu um lanche á delegação polaca que acompanha Beck a Genebra. Esta tarde Beck deve encontrar-se com outros dirigentes do Reich, entre os quais Hermann Goering.—(Havas)

As relações do Reich com o Vaticano

BERLIM, 13—A revista alemã, «National Sozialistische Hefte», outrora editada por Hitler e hoje editada por Rosenberg, publica um violento artigo contra o Vaticano, sob o titulo: «A politica eclesiastica de Roma contra as concepções nacionais-socialistas».

Aquele orgão insurge-se contra os diversos congressos catolicos que se efectuaram nos ultimos anos nos países vizinhos da Alemanha, sobretudo nos países considerados em Berlim como fazendo parte do «solo germanico». A referida revista ataca antecipadamente o Congresso Eucaristico Mundial que se efectuará em Agosto de 1938, em Budapeste.

Verbera violentamente a «incompreensão» da imprensa catolica em relação aos ideais do III Reich e conclui:

«Esta enumeração mostra claramente os intuitos politicos do Vaticano que se esforça por activar a acção do Catolicismo em redor da Alemanha com o fim de isolar espiritualmente o Reich e banir o povo alemão das outras nações. Pretende-se criar um circulo apertado de povos hostis ás concepções nacionais-socialistas, no intuito de paralisar o desenvolvimento do povo alemão e abafar, á nascença, o renascimento europeu por meio de espirito nordico».

A mesma revista, noutro artigo, acusa o protestantismo alemão de infidelidade para com a tradição luterana e de servilismo em relação a Roma. —(Havas)

A conferencia de Budapeste

VIENA, 13—Schuschnigg friza e comenta num artigo publicado no «Reichspost» sob o titulo «Vitalidade do pacto de Roma» a importancia e interesse da declaração de Budapeste.

O chanceler mostra que a conferencia demonstrou mais uma vez a vitalidade do pacto de Roma, do qual resultou a atitude da Austria no presente e no futuro: a politica italiana de estreita amizade com a Alemanha harmoniza-se plenamente com o acôrdo austro-alemão concluido em 11 de julho de 1936 «Como a Austria e a Hungria — escreve — repudiaram de facto o comunismo, o facto anti-comunista germano-italo-japonês, é ha muito tempo para elas do dominio das realidades praticas».

Com respeito á S. D. N. dá á declaração de Budapeste um feliz complemento, manifestando a sua confiança na duração do organismo genebrino e na sagacidade das grandes potencias ainda membros dele: declara que se a S. D. N. foi muitas vezes para os pequenos estados um instrumento da

Coronel Beck, ministro dos Estrangeiros da Polonia

vontade das grandes potencias, a Austria e a Hungria receberam dela apoios materiais vitais em momentos criticos. «Assim—diz—sentimo-nos tanto mais na obrigação de nosempregarmos a que vida nova seja insuflada á grande e antiga idéa da S. D. N. A questão da reforma foi de resto bastas vezes posta. Quando da admissão da U. R. S. S. na S. D. N., ia de si que as ideologias de politica intensa não transportariam os umbrais do forum genebrino. O abandono deste principio, a transformação da S. D. N. em blóco de caracter ideologico parcial teria para ela consequencias mortais e a divisão da Europa em dois campos seria então um facto consumado. De acôrdo com numerosos estados, a Austria repudia tal evolução».

Verifica finalmente que a conferencia de Budapeste tomou posição nitida perante os acontecimentos de Espanha e desmente a asserção de que teriam caducado os compromissos de ordem economica dos signatarios dos protocolos de Roma.—(Havas)

Comentarios franceses

PARIS, 13—A proposito da conferencia de Budapeste, «L'Epoque» escreve: «A conferencia de Budapeste mostrou a prudencia da Austria e da Hungria que não quiseram fazer o jogo dos estados autoritarios. O conde Ciano, que antecipadamente tinha proclamado com estrondo a sua vitoria, regressa a Roma com uma fraca bagagem. Os governos de Viena e Budapeste vão esforçar-se por aproximar-se dos outros países da bacia do Danubio, mas se não o conseguirem o campo estará livre para a Alemanha. A Italia com isso nada ganhará».

RETIRO DA SEVERA
Hoje ás 21 horas — Sensacional programa, a distinta artista Ercilia Costa com Maria do Carmo Torres, Arminda Vidal, José Porfirio e Victor Daniel. Orquestra Tipica Algarvia. Estreia dos concertistas musicais e cantores de tangos Roggiero y Acuña.

A GUERRA DA CHINA

A ofensiva no sul

começará pela tomada de Han-Keu

LONDRES, 13.—De Changai comunicam á «Reuter»:

A partida de Chang-Kai-Chek de Hankeu para a região do caminho de ferro de Lung-Hai foi interpretada como significando que está iminente a ofensiva chinesa. O chefe dos exercitos chineses seguiu de avião para Su-Tcheu-Fu, importante bifurcação, onde inspeccionou as posições chinesas. Segundo informações de origem chinesa, tomaram-se disposições para o contra-ataque ao longo do caminho de ferro de Tien-Tsin a Pukeu. Consta que os chineses tencionam igualmente ocntra-atacar na região de Tsining para onde convergem actualmente tropas. Os japoneses que avançam para leste, ao longo do caminho de ferro de Tsinan-Fu a Tsing-Tao, atacaram Kaomi, que fica a 90 quilometros de Tsing-Tao. Os observadores estrangeiros calculam que os japoneses só invadirão o sul da China quando se tiverem apoderado de Hankeu. —(Havas).

Um desmentido japonês

CHANGAI, 13.—Desmente-se oficialmente nos meios japoneses a informação londrina de que os japoneses teriam proibido a navegação no Yang-Tse aos navios de comercio que não sejam japoneses. As autoridades niponicas pediram simplesmente que cada navio faça uma declaração preliminar, a-fim-de que se possam tomar as medidas para a travessia das zonas perigosas. Os japoneses teriam já frisado no principio das hostilidades que o estabelecimento pelos chineses de barragens sôbre o rio estava em contradição com os acôrdos internacionais, mas as potencias estrangeiras não protestaram contra estas barragens.—(D. N. B.).

O bombardeamento de Hoi-Hu

CHANGAI, 13.—Durante o bombardeamento aereo do porto de Hoi-Hu na ilha de Hai-Nan por aviões japoneses, foi atingida a casa do director da Standardoil. Foram destruidos o quartel general da divisão chinesa e 5 casas.

Estão fundeados na baia de Tsing-Tao 30 navios japoneses, 10 dos quais transformados em transportes de tropas.—(Havas).

Porto chinês bombardeado pelos aviões niponicos

CHANCAI, 13.—Anuncia-se de origem chinesa que diversos aviões japoneses bombardearam Hoi-Hu, importante porto da ilha Hai-Nan. Dois navios de guerra niponicos cruzam ao largo do porto.—(Havas).

Missão italiana para o Japão

TOQUIO, 13.—O embaixador da Italia informou Hirota da prixima chegada a Toquio duma missão economica e politica italiana.—(Havas).

Repartição militar destruida pelo fogo

TOQUIO, 13.—Um incendio destruiu ontem á noite os edificios da inspecção geral do exercito. Salvaram-se os documentos mais importantes. Ignora-se a causa do sinistro.—(Havas).

Teatro Nacional
Hoje — A's 21 e 30
Ultima representação da formidavel comedia
CAMARADAS...
Original de Virgilia Vitorino

MAXIM'S
Hoje — Grandioso Baile de Mascaras ESTREIA do famoso BALLET LYA BERTY com ELVIRA PREUSSER, primeira bailarina do Teatro Weimar, em bailados acrobaticos e de fantasia, alemães e vienenses. Sorteio de premios ás senhoras. Novas e deslumbrantes decorações luminosas. Musica Continua.
As senhoras mascaradas têm entrada livre.

COMENTARIOS SIMPLES

PAGINA DE QUINTA-FEIRA

por NORBERTO DE ARAUJO

A proposito do malôgro, pelo menos ante o publico, de um original português de teatro representado ha poucos dias (não se trata evidentemente de uma falencia intelectual) o seu autor, enfadado com os criticos, dizia-me:

—Não ha respeito pelo trabalho alheio, pelo esforço dos artistas, pela temeridade dos empresarios...

Observei-lhe o que me pareceu ajustado. Penso agora que a minha observação de meia duzia de palavras vale um desenvolvimento de meia duzia de linhas.

Sou insuspeito ao tecer estas considrações, pois tambem eu tive «a minha peça malograda», pelo mesmo êrro que assiste a escritores dramaticos, com certa frequencia: esquecer-se do publico.

E a minha peça podia ter sido bôa, mas neste capitulo foi má, e tratava-se da plateia do Nacional, mais exigente, porventura, mas sem duvida mais propicia que a de outros teatros a peças que querem ser de «rendimento intelectual».

Todo o trabalho de inteligencia e de espirito, de beleza estetica ou de beleza literaria, de simples diversão que seja—é respeitavel.

Não o é apenas a peça de teatro.

Todo o trabalho de colaboradores é para respeitar e não apenas os dos artistas de teatro, que, aliás, nada têm que vêr com a peça, em si, mas do trabalho que lhes é distribuido e constitui dentro da peça a sua obra de arte.

Um artista dramatico pode obter um triunfo, realizar uma criação, numa peça que cai, ou se amortece lentamente sem exito. Ao invez, num belo trabalho de teatro, ante o conceito publico, não tão futil como se pode crer, uma actriz ou actor pode não passar da mediocridade.

Temos, pois, que o trabalho dos artistas é independente do interesse publico e intelectual da peça; sucede apenas que, pelo elementar principio de solidariedade entre gente esforçada que trabalha para uma causa comum á qual preside uma empresa, o malôgro de uma interpretação ou o malôgro de uma concepção convergem.

Mais uma...—mas o actor segue artista e o autor segue homem de letras.

Posto isto—e dos empresarios não cumpre falar, pois toda a sua comparticipação é mais de contingencia do que de previdencia—não me parece admissivel e aconselhavel ocultar os defeitos da peça, do livro, da estatua, do quadro, da planta, da balada, da partitura, só porque ela representa um esforço de seus autores.

E' assim; foi sempre assim. E' uma lei, como a da gravidade.

Seria negar, não apenas a critica, mas o direito da critica, que tem por dever—e todo o direito se rege por deveres—a verdade, a intenção, pelo menos, da verdade.

Para ser sempre respeitavel o «trabalho» do autor não é mister forçar. Ha até respeito pelo que não vence mas quis vencer.

Aventuro mesmo: o respeito não está em causa.

Evidentemente a critica impiedosa, malevola, deselegante—não se explica nunca.

Nela, e nessas negativas modalidades, é que não assenta respeito, nem pela obra visada, nem pelo seu autor, nem o critico por si proprio.

Mas não era evidentemente a essa critica (e ainda existe?) que Antonio Botto se quereria referir.

Julgo, pois, encontrar-me bem avisado e assistido de razão, quando discordo da invocação do «trabalho» para amparar a obra.

Sucede ainda, e de resto, que uma supostamente má peça de teatro, pode ser uma admiravel peça literaria de livro, da mesma maneira—ó verdade cruel!—que uma boa peça de publico pode não constituir mais do que um mediocre livro, um desgraçado documento literario.

Não aconselho a um autor de uma peça (evidentemente destinada a publico e não a academias), se ela sossobra—resignação. Os tempos correm imbecis... E no proprio ponto intermedio da arte pura e do publico inferior, se registam malôgros escandalosos.

Sim; os tempos vão imbecis. Não aconselho, porém, resignação a quem fez uma peça só para «uma parte» do publico—e esse mesmo ingrato—ou para um publico especial que não acorre. Resignação, não.

Meditação!

Não é mister transigencia com o mau gosto (admitindo que ele é a caracteristica das memorias). Impõe-se bom senso, boa pratica, processos de bom teatro.

Que vale um belo artigo de jornalismo, ou um formoso livro de conceitos—que ninguem lê? Que ninguem consegue lêr mesmo que o tente?

Falha o autor a sua missão: a de ser seguido, de se fazer seguir.

E depois disto, num mixto de despeito e de razão (porque a pode haver) declarar:

—E eu que levei três meses a queimar as pestanas...

parece-me arriscado para a esquiva ao ridiculo.

* * *

José de Figueiredo não era um criador nem foi um artista; rigorosamente não materializou arte nem criou beleza por suas mãos.

Mas nem por essa circunstancia, apenas de Destino, deixou de ser um criador e um artista—de visão.

Mais do que um animador, foi um sacerdote, com todos os defeitos que a paixão traz á superficie, e com todos os delirios dessa paixão.

A sua organização pessoal, o que se pode chamar «indole», tocava os extremos da exaltação e da indiferença.

Assim se explica que, na sua actividade de academico da arte, conservador e orientador (que o logrou ser), tivesse admiradores até á dedicação e adversarios até á irreductibilidade.

Não era um ego-centrico, mas era um concentrico. Tudo girava á roda dele e do seu querer. Queria «por bem», e convencido da sua verdade, estou em dizer, embora admita que por vezes a forçasse.

Era destas organizações que, talvez por compreensão do meio, não dispensava uma «entourage». Nisto, superiorizava os seus meritos, que eram superiores bastante para necessitarem teimoso apoio.

Como todo o critico, no nobre e alto sentido do vocabulo, errou. Admito que errasse.

Mas—senhores!—que extranha fé, que tenacidade, que amor; que espirito de tolerancia mal compreendido, que afectuosidade artistica comprometida á superficie mas generosa; que sentido de beleza, que extase permanente de uma alma!

Os que, no rigor material espiritualizado, a que me referi—não criam por suas mãos, ficam desatendidos do vulgo. Não se continuam; a critica de José de Figueiredo, de resto, e porque não dizê-lo?—era mais comparativa do que impulsionadora.

Nada impede, porém, nem qualquer observação incidental e justa é suficiente—que José de Figueiredo tenha sido dos homens que em Portugal mais e melhor serviu a Arte. Acção e reacção—foram duas normas suas. A acção foi mais util do que a reacção, mas esta tambem existiu, visto que o estimulo é de certo modo um poder agitador.

Extingue-se no Porto, quasi de surpresa. Os que foram adversarios, talvez apenas dos seus processos, certamente não verteram lagrimas indignas.

Mas quem negará que na Historia contemporanea das Belas-Artes José de Figueiredo fica como uma personalidade de eleição?

* * *

Na revista de cultura literaria e cientifica «Portvcale», que se publica no Porto, e que lemos sempre com interesse, está o dr. Claudio Basto publicando uns artigos «Cartas de amor», e cujas notas são a razão de ser do estudo.

Cartas verdadeiras, recolhidas aqui e acolá, da inspiração popular mais humilde, elas não constituem uma colectanea lirica; não pretendem focar a amorosidade, nem querem interessar pelo conteudo.

Mas, sim, pela forma. Segundo entendo trata-se de interpretar a linguagem do povo semi-analfabeto, de penetrar as suas expressões, recolher os seus modos de dizer, que não a sua maneira de amar ou romancear os seus arroubos de namorico.

E nesse aspecto cultural, de rebuscador do vocabulario e analista da prosodia dos que mal sabem alinhavar duas linhas—as cartas anotadas são curiosissimas.

Nada dá o rizivel ou o ridiculo. Cada um ama, escrevendo, á sua maneira, e não é isso, como digo, que está em causa. A carta é um documento de analise, especie de um laboratorio de linguagem.

Os semi-analfabetos fornecem, por vezes, preciosos elementos de consulta. Por paradoxal e extranho que pareça, aprende-se alguma cousa com eles.

Hoje, após laboriosas tentativas, pode saber-se, quasi rigorosamente como se falava e pronunciava o latim antigo, pelos documentos dos quasi analfabetos. E' que escreviam ou esculpiam como falavam, pela sonica; então se apura como os sinais graficos se traduziam em verbal.

Destas cartas ingenuas do povo não pretende Claudio Basto, evidentemente, analisar a pronuncia mas o «sabor» tipico, a construção, aproveitando os erros, deslises e corruptelas, fixando termos que valem e maneiras que distinguem.

E a titulo mero de curiosidade aqui lhes deixo, amigos, uma amostra, o trecho de uma carta que um cozinheiro de Caldelas escreveu em 1914 a uma criadinha de quarto.

«Rosinha sabe oque se-me ofrece diserlhe é o seguinte estimo que ao receber esta a vá encontrar de perfeita e felis saude e um pouco tambem pensativa cá no magala ainda le digo mais a Rosinha é muito natural que tudo que me tem dito seja completa-mente uma entrujisse, queira-me dizinganar.

Espero receber mercê
não serei digno de tal, serei! serei...

A deus, bôa noute? — bôa noute! enté á manhã, se deus quizer

espero esta resposta desde já e sei falta alguma mas isso quero tudo que quei(r)a dizer-me tem que ser depozitada-mente quere diser pessoal-mente

Com esto le dou as bôas noutes que eu atual-mente esto com sono medonho.

O' Rosinha coando agente se tratar um ao outro? coando será isso, dis vocemeçe agora la para com sigo é porque tu não queres eu cá estou sempre, por hoje nada mais só tenho apedir le desculpa per o meu atrevimento

Sou quem sabe seu futuro esse un seu pertendido».

E terminemos esta Pagina com um sorriso, tão inocente como toda a carta do amoroso «pertendido», de ha vinte e três anos. Serão hoje casados?

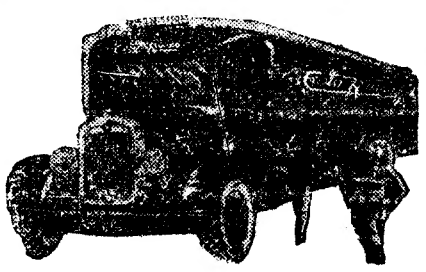
Talvez que a Rosinha não soubesse ler...

NORBERTO DE ARAUJO

Dos artistas letrados e iletrados

Peões! Nas ruas ou passeios, quando marchem em sentido contrário, dêem sempre a esquerda uns aos outros. Aprendam a andar!

Os saltos e as solas "Enfim", nacionais, rivalisam com as melhores marcas estrangeiras e são mais baratos. Aprendam a calçar!



TRANSPORTES COSTA RAMOS

Domicilio a Domicilio

Unico concessionario da carreira entre Lisboa e Porto. Transportes para todo o país Carros especiais para mobilias.

Porto — R. Guerra Junqueiro, 7 — Telef. 1854

Lisboa — R. S. Julião, 34, 36 — Telef. 2 7200

Pensão Castro

Com quartos confortaveis para casal e pessoa só. Comida com abundancia. Almoços e Jantares ao domicilio. Recebem-se comensais.—T. 2 6877.

Avenida da Liberdade, 13, 2.º

V. Ex.ª NÃO SABE? DÓMÚZ É O REI DO ANIZ

FORD

Todas as peças aos melhores preços

AUTO GERAL

175, RUA EUGENIO DOS SANTOS, 177

Telefone 24051

ITALIA, TERRA DE SONHO

Milão, berço do Fascio, e Genova, a monumental

Eu entrei em Milão com o proposito firme de não ver Milão. A sua importancia de grande cidade moderna, de grande centro comercial não me parecia que pudesse fazer vibrar a minha sensibilidade exausta de emoções — das emoções brotadas ao longo da minha peregrinação pelos mais celebres museus da Italia, pelas paisagens de mais maravilhoso cenario, donde os meus olhos vinham ainda tontos de visões de beleza.

Levava na alma uma grande saudade. Tudo quanto ficava para trás — palacios e catedrais, paisagens de georgica e vastidões maritimas, estatuas de ritmos eternos e ruinas eloquentes como epopeias, montanhas ciclopicas e colinas harmoniosas, monumentos heroicos e jardins solenes, marmores e mosaicos, ciprestes e campanarios—tudo para mim ficava como a imagem feliz de um paraiso perdido onde me fôra dado viver largos dias de encantamento e de sonho, numa atmosfera ignota de bem estar inolvidavel.

E tudo entrava já naquela atmosfera de cinza das horas queimadas que se não refazem.

Quando voltaria? E voltaria eu alguma vez? Sabe-se lá quando a vida nos deixa repetir um capitulo bom de um romance feliz que docemente nos embalou...

Entretanto, vencendo essa especie de cansaço de sensações que me fazia encarar Milão quasi com indiferença, apenas transporta a gare monumental, olhei com mais simpatia a sua fisionomia acolhedora.

Não faltavam os monumentos artisticos a marcar na harmonia das linhas e dos tradições um novo polo á minha curiosidade.

A catedral, espiritualizada por centenares de flechas, impõe-se como uma flôr branca de sonho nos traços finos do seu gotico recorte. A fachada, porém, de decidido *barôco*, desconcerta pelo imprevisto.

Há palacios antigos onde o passado deixou o seu rasto de grandeza. Entre esses se assinalam o *della Ragione*, o dos *Jurisconsultos*, o formidavel *Sforzesco* da primeira Renascença, erguido no lugar do primitivo *Campo Romano* e o imponente *Brera*, sede da famosa Biblioteca fundada por Maria Tereza e da riquissima Pinacoteca Real onde, entre muitas preciosidades da pintura lombarda, se encontra na sala dos pintores da Italia central, o celebre «Sposalizio» de Rafael que inspirou a Liszt uma das mais belas paginas das «Peregrinações».

Perto da Basilica de Santo Ambrosio fica a igreja *delle Grazie* do Convento dos Dominicanos em cujo refeitorio, no grande quadro da «Ceia» o dôce Jesus do divino Leonardo entre os apostolos faz sempre a mesma interrogação resignada eternamente sem resposta: qual de entre tantos o atraicoará?

Mas em Milão, mais do que o passado fala alto a voz forte do futuro pela boca das realizações presentes. Mais do que os palacios antigos, mais talvez do que a propria catedral, chama a atenção hoje a nova Estação ferroviaria, de magnificencia e proporções inigualaveis, bem como os edificios modernos em estilo «Novecento» construidos sob o signo do Fascio, entre os quais avulta a grandiosa *Casa dos Sindicatos Fascistas da Industria* no Corso Porta Vittoria, a dois passos do belo monumento das *Cinque Giornate*.

A Milão foi reservado um alto papel entre as cidades da Italia. E' lá que Benito Mussolini funda o primeiro *Fascio de Combate*, o chamado *Fascio Primogenito* que deveria dar o sinal da Revolução Fascista. Era em 1919, em pleno rescaldo da endemoninhada fogueira da Grande Guerra.

Depois da falencia das democracias, o mundo inteiro preguntava-se o que seria a sociedade num futuro proximo, reedificada assim sôbre os escombros de uma velha moral desfeita. E por toda a parte nascia o anseio de objectivar uma mistica da autoridade numa vontade forte em que uma centralização absoluta do poder constituisse, por assim dizer, um abrigo contra a tempestade que se desenhava no horizonte.

E o milagre operou-se. Coube á Italia dar-nos em pleno seculo XX uma renascença politica, como há quatro seculos nos deu uma renascença das artes e das letras.

A Italia vivia a sua hora alta de nevrose. Nalgumas cidades suas desenhara-se um movimento de simpatia a favor da Russia sovietica; chegaram mesmo a criar-se pequenos sovietes de fabrica. Depois vieram as greves revolucionarias, as desordens sangrentas, a greve geral de 1919.

Em 1920 são mais greves—a dos serviços publicos e a dos caminhos de ferro—são os disturbios do Piemonte, a socialização das fabricas de Bolonha, a instalação de metralhadoras nos telhados da fabrica Fiat de Turim.

E' o tumulto, o desagregamento, o naufragio sem remedio.

Mas alguem surgiu justamente a tempo de salvar a Italia. Quem era, donde vinha, que pretendia?

Figura romantica de heroi, *panache* dissimulado sob a austeridade de uma sobria camisa negra, um pouco de *condottiere*, muito de iluminado, esse alguem vinha das mais reconditas origens—mixto de humildade e de revolta, de audacia e de ambição—e pretendia *simplesmente* sanear a atmosfera moral e politica do seu país.

E de repente, como nas magicas, esse homem, Mussolini, que um dia fôra operario, professor, soldado e exilado politico, apodera-se de uma capital, de três ministerios, de um exercito e do fanatismo completo de um povo.

Então começou o conto das *mil e uma noites* da dominação fascista. Onde antes houvera a desordem, quasi a anarquia, quasi a revolução, nasceram a ordem, a hierarquia e a disciplina á sombra das quais tudo pôde trabalhar, produzir e progredir.

Como por encanto surgiram os monumentos, as auto-estradas, os edificios grandiosos, os estadios, as piscinas, os campos de desporto; ergueram-se cidades florescentes onde tempos antes havia pantanos mortiferos; realizaram-se verdadeiros milagres no campo da Assistencia de Previsão Social—especialmente no que diz respeito á maternidade e á infancia—cuidou-se dos velhos e invalidos, empregando-se nisso milhões de liras; acudiu-se aos sem trabalho, dando-lhes comida de primeira ordem nas cozinhas economicas; combateu-se a tuberculose, subvencionando sanatorios, casas de convalescença e estabelecimentos termais onde se socorrem mais de dois milhões de doentes.

Toda a fisionomia da dôce Italia dos artistas e dos romances, mudou como a um toque de varinha magica. A Italia de sonho, a Italia romanesca das serenatas e seduções faceis, passou a ser a Italia da acção, a Italia das realizações ousadas. Sôbre ela passou uma aragem de renovação que pôs em laboração todas as energias. A poesia da vida activa, das aspirações modernas sobrelevou a eterna historia dos *touristes* encantados nas tradições das velhas cidades carregadas de arte e de vetustez. Nessas cidades onde a asa dos seculos pôs uma nobreza feita das cinzas das epopeias, crepita hoje a chama de uma vida nova, pela eclosão maravilhosa de uma nova alma.

O artista de toda esta metamorfose Mussolini, o poeta da acção, surgiu quando a Italia, a mais apaixonada das nações latinas, sentiu a necessidade de um idolo em que polarisasse os extases da sua adoração. Assim começam todas as paixões...

Ela era dôce, cantante, cariciosa. O seu corpo harmonioso de sereia, tostado pela aragem de três mares—o Mediterarneo, o Tyrreno e o Adriatico—deu-se com entusiasmo ao gesto dominador do novo Cesar.

Ele estudara sózinho a ciencia da vida, lêra os filosofos, aprendera a arte de fascinar as multidões. A sua eloquencia ardente, irresistivel, perturbava, arrastava, convencia. E' que a palavra para Mussolini tem sempre um valor essencial em acôrdo directo com o pensamento. Não tira dela efeitos musicais, emprega-a apenas como reflexo luminoso e sensivel da idéa.

Na oratoria, como na acção, Mussolini não gasta tempo nem palavras inutilmente. Os seus discursos são incisivos e lapidares, como os seus actos são precisos e irrevogaveis. O seu espirito linear ataca os problemas de frente, encara-os nos seus diversos aspectos, resolve-os nos seus pontos fundamentais e, porque todas as suas soluções são fruto de uma longa maturação interior, decide com segurança e presteza, descobrindo rapidamente entre todos os lados o lado essencial e aproveitavel das coisas.

Assim, quer afronte os problemas da crise economica ou prepare os acôrdos de Latrão, quer cuide das coisas militares ou estude as reformas dos mais vitais organismos do Estado ou trate do desenvolvimento espiritual e intelectual das novas gerações, o Duce é sempre o estadista superior, o criador genial da nova Italia, o condutor de almas cujo instinto de psicologo lhe dará sempre a medida do seu dominio sôbre a multidão—instinto igual ao que todos na vida deveriam ter para os advertir da hora sombria em que o amor acaba. Se todos os possuissem, quantas desilusões se evitariam. Não haveria amorosos desesperados nem homens de Estado no exilio.

Mussolini, amoroso da Italia, entre tantas superioridades tem mais a de saber medir a duração e a profundidade dos entusiasmos que desperta. Por isso consegue trazer presa a si inalteravelmente enamorada a linda Italia das suas realizações.

* * *

Tudo isto pensava eu na hora fugitiva da minha passagem por Milão, quando a caminho de Génova volvia para trás o meu olhar afogado já na luz distante de uma saudade inconfessada.

De passagem para o cromatismo diáfano da Côte d'Azur, por onde sigo para Paris, tenho algumas horas ainda para observar a bela Génova. Percorro-a um pouco *in fretta*. Ambiente claro, amplidão de horizontes. Recortes ousados de montanhas cenograficas. Marmores brancos de atitudes convencionais, de discutivel gosto, no famoso Camposanto. O monumento a Cristovão Colombo, o Palazzo Rosso, o Palazzo Bianco—tudo um filme visto á pressa. Em baixo a mancha cinzenta do mar, estendida em frente do velho porto onde lançam amarra barcos de todo o mundo...

Olho ainda a *Camionale* e a rampa helicoidal que lhe dá acesso, as fabricas, a Universidade...

E vou pensando, enquanto me afasto, que quando um povo tem tantos motivos de orgulho, tanta grandeza, tanta superioridade a firmar o seu prestigio aos olhos do mundo, como é Italia fascista, tem bem razão de fazer materia de doutrina aquela frase do Duce que vi escrita em varios pontos da Italia:

«Solo Iddio ppuo piegare la volunta fascista. Gli uomini, le cose mai».

OLIVA GUERRA

Uma boa colecção de livros de grandes autores dá categoria a quem a possue

A LEITURA DELEITA E INSTRUE

Vendas a prestações

Entrega imediata das obras contra o pagamento da 1.ª prestação

A LIVRARIA BERTRAND

estabeleceu um sistema especial de vendas que denominou

Crediário Cultural

Por este sistema — novo processo de vendas adoptado nalguns países da Europa e especialmente na America — contribue-se para a cultura dum povo, facilitando-se a aquisição das obras dos mais notaveis autores.

Prestações mensais desde vinte e cinco escudos, segundo a importancia da compra, sem fiador, sempre com a bonificação do sorteio e com direito á escolha de obras mencionadas em catalogo especial.

O comprador favorecido com o sorteio liquidará o seu débito com uma ou poucas mais prestações

Peçam catalogos e informações á

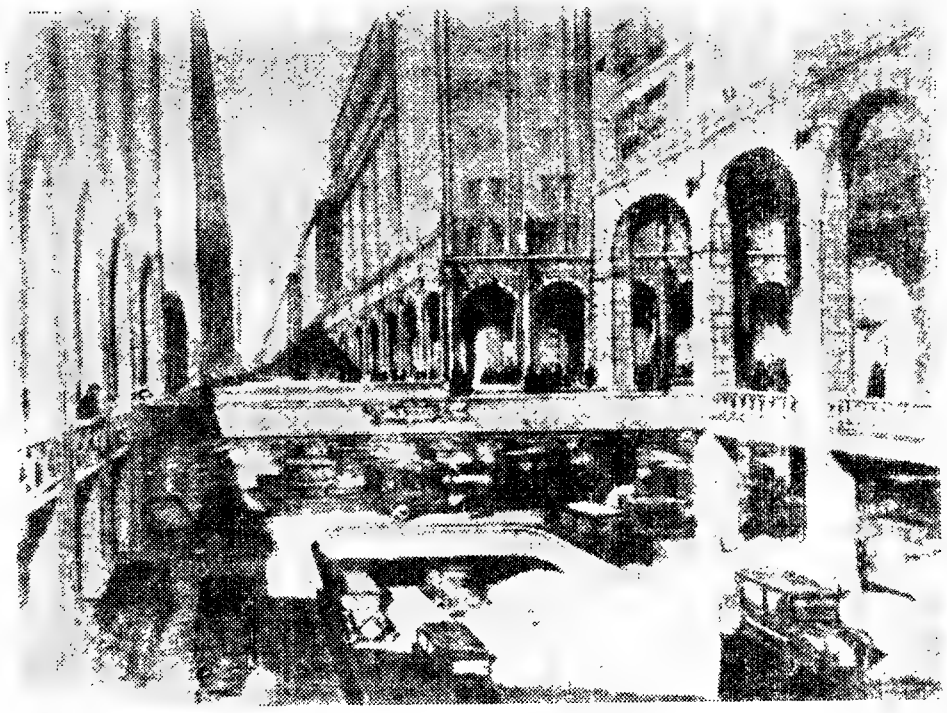
LIVRARIA BERTRAND

A mais antiga livraria de Portugal

RUA GARRETT, 73 — LISBOA

PROBLEMAS DE TRANSITO

O trafego em Lisboa



Estampa mostrando a maneira como um arquitecto americano entende resolver-se o problema de trafego nas grandes urbes

Por não se haver esgotado a materia versada no nosso recente artigo intitulado «O sub-solo de Lisboa e o 1.º Congresso Internacional de Urbanismo Subterraneo», e ser oportuno agitar um assunto do maximo interesse publico, vamos apresentar mais algumas medidas atinentes a resolver o dificil problema de transito, que, desde ha muito, se vem debatendo sem resultados proficuos, e que, para a sua rapida solução, tanto precisa dos bons oficios da Imprensa olisiponense, a qual é mister que desempenhe um papel primordial no desenvolvimento e no progresso da urbe, e do primeiro Municipio do país, que, agora, tem a felicidade de vêr, na sua presidencia, um moço engenheiro, energico, inteligente e espedito, recem-vindo de percorrer os principais centros urbanisticos da Europa, e do qual muito pode esperar esta insigne e gloriosa Rainha do Tejo.

Como já ficou dito numa serie de cronicas referentes ao trafego citadino, iniciada no «Diario de Lisboa», em 8 de agosto de 1928, impõe-se colocar á cabeça do rol dessas medidas, a execução, nas faixas marginais, ao nascente e poente do Terreiro do Paço, e no perimetro que o velho Arsenal da Marinha em breve vai deixar vago, de um certo numero de amplas e magnificas alamedas arborizadas que, pelo encanto arquitectonico dos seus edificios, e pela intensa vida comercial dos seus estabelecimentos de luxo, atraindo a maior concorrencia urbana, viessem aliviar o movimento de muitas das melhores ruas da Baixa, cuja circulação se tornou dificilima desde que se nota um grande acrescimo de população e de forasteiros na capital, e as principais fabricas de automoveis começaram a intensificar a exportação dos seus variados tipos de carros, para Lisboa.

Simultaneamente, com a realização desta inadiavel obra que, além de prestar um tal serviço, viria embelezar a parte litoral mais valiosa do Tejo, dever-se-ia, com o mesmo intuito, abrir o troço de entrada da avenida Almirante Reis, e construir, no seu alinhamento sul, um mercado central, de dois pisos e de fachadas similares ás do Bolhão, do Porto, o qual viria substituir o actual da Praça da Figueira, que, pela sua falta de higiene e pelo seu aspecto avelhantdo, tanto precisa desaparecer desse tão centralizado ponto da cidade.

Com o desaparecimento dum tão perigoso e mal-cheiroso foco de infecção, apenas a uma duzia de metros do Rossio, ficaria vago um desafogado recinto, enquadrado por uniformes predios pombalinos, e a que convergem dez concorridos arruamentos, e que, depois de decorado por arquitectos de bom-gosto, e dotado de duas instalações subterraneas, que suprissem as deficiencias das oito que se acham ao dispôr dos alfacinhas—que, aliás, com todas as pelintrices se contentam—, poderia ser ocupado, em parte, pela Companhia Carris de Lisboa, que, então, aí disporia de espaço suficiente para, mais desimpedidamente, distribuir as carreiras que actualmente utilisam a Praça á sua ilharga poente, que tão urgente se torna descongestionar, por esta maneira:

—A da Graça, pelas ruas da Betesga, da Madalena e das Pedras Negras, livrando-se, assim, de passar na estreita garganta formada entre os cunhais da Sé e da Igreja de Santo Antonio; —a do Poço do Bispo, pelas duas primeiras ruas, seguindo, depois, pela da Alfandega, e vice-versa; —as que empregam as ruas do Ouro e da Prata, com rumo ao Pelourinho, pelas ruas dos Correeiros, dos Douradores, da Conceição, e pelo largo de S. Julião;—as que procedem do Corpo Santo, pelas ruas do Arsenal, do Comercio, da Prata, e dos Fanqueiros; —as que utilizam as ruas da Palma e Marquês de Alegrete, pelo já referido troço de entrada da avenida Almirante Reis;—as que passam por S. Domingos, pela rua dos Correeiros (extremo norte) e pelas outras duas arterias que actualmente conduzem aos Restauradores;—e, finalmente, as que descem a avenida da Liberdade, pelas ruas do Jardim do Regedor, de Eugenio dos Santos, dos Correeiros, e travessa Nova de S. Domingos, de onde, tornejando para a direita, os carros voltariam a encontrar, para ponto de manobra e de paragem obrigatoria, o sobredito recinto de que haviam partido, e em que, sobre placas facetando uma fonte monumental, se deveria construir quatro pequenos e elegantes pavilhões onde, ao contrario de hoje, o passageiro que espera, comprasse, de antecipo, o seu bilhete, e se abrigasse do sol, da chuva, ou do vento.

Desta forma—forma que, quer queiram, quer não, se verão obrigados a adoptar, pois não terão outro remedio—, a superficie quadrilonga da Baixa ficaria dividida em duas zonas de transito, perfeitamente distintas: a oriental, para tracção electrica; a ocidental, para tracção mecanica. Nesta ultima, podia-se demarcar «parquets» de estacionamento de viaturas, ao longo da linha exterior de um dos passeios das ruas de S. Julião, da Vitoria, da Assunção, de Santa Justa, do Crucifixo, dos Sapateiros e Primeiro de Dezembro; e, tambem, destinar-se as faixas de rodagem do largo D. João da Camara, da Praça de D. Pedro IV, do Terreiro do Paço, e das ruas Augusta, do Ouro, e Primeiro de Dezembro (parte mais larga), para trafego exclusivo dos diversos sistemas de viação motorizada, excluindo o camião de carga, que, só em casos excepcionais e justificados deixaria de transitar em vias secundarias, de menor concorrencia.

Para que esta zona fique melhor habilitada a exercer as mencionadas funcções, torna-se indispensavel aniquilar as dificuldades de circulação ocorridas junto dos cunhais do frontespicio neo-classico do teatro Nacional, principalmente as que se dão na garganta formada no lado esquerdo, e na qual, além de circularem uma mil e quatrocentas viaturas por hora, duas linhas de «electricos», de itinerarios ou trajectos opostos, estorvam imenso o transito. Como «para grandes males, grandes remedios», entendemos que essas dificuldades só se removerão, quando se delibere arrostar com as expropriações e os derrubes das casas da esquina do Rossio, onde, «vis-à-vis», estão estabelecidos os telefones e a chapelaria Ruas, predios que, certamente, se acham incluidos na lista das demolições que, no tempo do «carro americano» e do «Rippert», o saudoso engenheiro Miguel Carlos Correia Pais com aquela alta visão que o caracterizava, dizia ser preciso fazer, para facilitar o movimento entre a praça de D. Pedro e o Passeio Publico.

Iguais dificuldades de circulação ocorrem ao topo do largo do Chiado, no sitio onde, por deficiencia de espaço, se encontra, sempre em risco de ser atropelado, o policia sinaleiro aí de serviço, e no qual se forma uma estrela de transito, de que irradiam, voltadas aos quatro pontos cardiais, diversas arterias que directa ou indirectamente dão acesso a muitos dos mais afastados sitios da cidade, e que por tal motivo, se torna um dos lugares de maior perigo, para peões e veiculos, que se encontram na capital.

Três medidas já indicámos, que viriam acabar com este estado de coisas, que urge suprimir: a primeira, e a mais eficaz, é romper, por entre o incaracteristico casario do Bairro Alto, uma larga avenida que, num unico trainel, fôsse da praça de Camões ao jardim do Principe Real; a segunda, e menos radical, é alargar, na dita praça, os passeios laterais, e deminuir a placa central que circunda o monumento do grande épico; e a terceira, que tem por proposito descongestionar a circulação entre as esquinas da igreja de S. Roque e do posto da Misericordia, é fazer descer os carros electricos, vindos da Escola Politecnica, pelas ruas da Rosa, das Chagas, e da Horta Séca, até retomarem as suas respectivas direcções do Carmo e do Alecrim, e retirar-se a linha dupla de electricos que tiveram a imprudencia de colocar no antigo largo das Duas Igrejas, a qual, agravando o transito nesse local, seria, tambem, um estôrvo para todas estas realizações.

Embora muita gente julgue o contrario, não nos movem más vontades contra a Companhia Carris, que, apesar de não fruir a simpatia do publico, que arroga, tem, aliás, os seus serviços modelarmente montados, e tereece ao passageiro uns carros que, não obstante serem de um modelo que já conta quarenta anos, conservam um asseio e um aprumo inexcediveis.

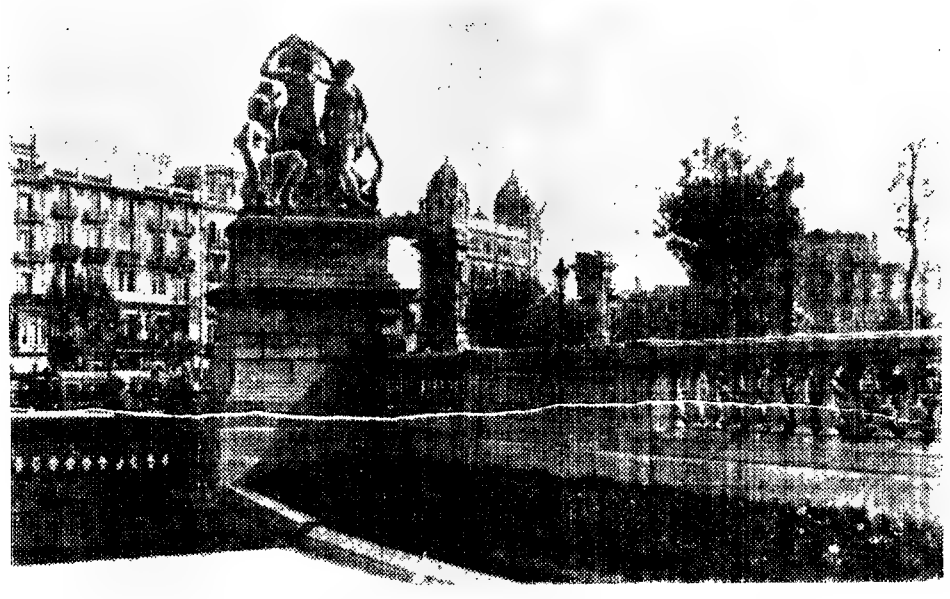
Porém, o homem que vive estas horas de vertigem e de progresso; o homem para quem o tempo representa dinheiro, já não se compadece com um sistema de condução que, indo á tabela, gasta quarenta e cinco minutos do Rossio ao Dafundo!

Eis a razão por que vimos advogando, com certo entusiasmo, o autobus, tanto em voga nas capitais europeias que se orgulham, justamente, dos seus serviços de viação, e que é esperado, ansiosamente, não só pelos alfacinhas que habitam em muitos dos bairros ainda desprovidos de meios de transporte, como tambem de centenas de pessoas que, extra-muros, residem em povoacões em pleno estado de desenvolvimento, como por exemplo, Oeiras, Amadora, Paiã, Caneças, Loures, Bucelas, Sacavem e Moscavide.

Aqueles que andam agora a estorvar uma recente cooperativa de viação, presidida por um dos mais ilustres engenheiros portugueses, de pôr ao serviço dos seus socios, esses automecanicos, rapidos e confortaveis, que nas grandes urbes civilizadas, levam a animação e o movimento a todos os bairros, desde os aristocraticos aos excentricos, devem ser os mesmos que, ha um bom par de anos, obstaram a que uma empresa estrangeira, já acreditada em trabalhos dessa natureza, em Madrid e Barcelona, estabelecesse, em Lisboa, o processo de condução subterranea, que, a uns vinte e três quilometros á hora, levasse o alfacinha aos pontos onde a sua presença fosse exigida, e que o notavel publicista francês Maxence Thomas, por esta maneira encareceu:— «Le Métropolitain est donc indispensable á l'existence du peuple et á la vie et au développement des grandes capitales. Rapide, régulier, d'un débit intense, capable, en un mot, d'assurer le transport des masses á travers uns agglomération toujours plus étendue, ce moyen de locomotion est non seulement appelé á jouer, dans toutes les urbes modernes, un rôle de premier plan: il apporte, vraiment, au probléme de l'Urbanisme, une solution idéale qui, seule, est capable d'orienter les efforts vers un but précis et des résultats féconds et admirables».

Por não ser justo estarmos a roubar espaço a um jornal que, desde ha dez anos, vem tendo a gentileza de incluir nas suas colunas, a nossa humilde prosa e os nossos bem-intencionados alvitres, deixamos para outro numero a parte referente ao transito de peões e ás entradas da cidade. Entretanto, o que ficou exposto é suficiente para mostrar ao leitor que, algumas das medidas acabadas de apontar, são simples paliativos para adiar, por mais uma ou meia geração, o alargamento de muitas das principais ruas da Baixa, o que, além de dispendioso, viria destruir, por completo, o famoso traçado que o Marquês de Pombal, primeiro ministro de El-Rei D. José I, mandou elaborar ao engenheiro-arquitecto Eugenio dos Santos, logo após o terramoto de 1755 haver derruido meia Lisboa, e que, a-pesar-de decorridas tantas décadas, é ainda um dos aglomerados urbanos mais harmonicos e geometricos do Mundo!

E. RAPOSO BOTELHO



Uma das mais belas entradas do Metropolitano Municipal de Barcelona

CREME DE DIA
CREME DE NOITE
RAINHA DA HUNGRIA

A preparação dum creme de beleza destinado a reagir sôbre a epiderme e não apenas a provocar um simples aspecto de embelezamento, merece aquele estudo e cuidados excepcionais com que são fabricados estes dois preparados.

Assim, êste creme de dia e o de noite ou de massagem, simultaneamente usados, evitam de facto a formação de rugas, tonificam o rosto e aveludam a epiderme, embelezando-a. Para epidermes sêcas, gordas, ou com quaisquer outros defeitos temos produtos e tratamentos especiais.

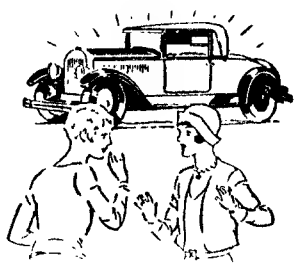
Consulte os:

SALÕES DE ESTÉTICA E DE TRATAMENTOS DE BELEZA POR PROCESSOS CIENTÍFICOS

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA

TELEF. 21866 — AVENIDA DA LIBERDADE, 35 — LISBOA

Os nossos produtos encontram-se à venda nas boas casas ou enviam-se contra reembolso para as localidades que os não tenham.



PARECE UM CARRO NOVO

Fazendo pintar de novo o seu carro com Duco, terá V. Ex.ª o prazer de ouvir dizer: — «Mas é um carro novo!».
O «Esmalte Duco» foi especialmente creado para dar o máximo de satisfação, com a sua aparência atraente aliada a uma larga duração.

DUCO DUPONT

BETHENCOURT BROS, LTD.
Rua Aurea, 132-138 — LISBOA
SORIA, LDA.
Rua Sá da Bandeira, 214-216 — PORTO

HAVAS

Automobilistas — T. S. F.

Philco — Delco — Motorola — Philips

Os melhores auto-radios do mundo — Equipam de fabrica todos os automoveis americanos e europeus — Montagens como as de fabrica (sem supressoras) — Quadrantes e antenas para cada tipo de carro — Reparações rápidas por pessoal especialisado - Distribuidor exclusivo:

Julio Coelho

Rua Rodrigo da Fonseca 81, D. (Ao Parque)
Telef. 42789

MOSAICOS
Goarmon & C.ª
Travessa do Corpo Santo, 17
LISBOA - Telef. 21059

ASFALTO

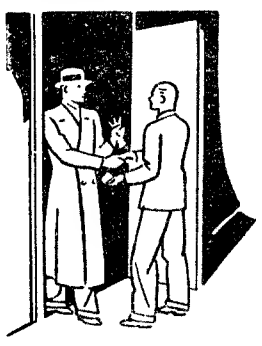
FLINTKOTE

Impermeabilização e isolamento de terraços e cimento armado. Revestimento e protecção de superfícies e construções metálicas, canalizações, algerozes, etc. Impermeabilização de reprezas, canais, tanques, poços e paredes húmidas.

Distribuidores:
BETHENCOURT BROS, LTD.
Rua Aurea, 132-138 — LISBOA

Agência no Norte:
SORIA, LTD
Rua Sá da Bandeira, 214-216 — PÔRTO

HAVAS



A isto chamo eu uma pessôa atenciosa!

Vou visitar o meu amigo. Antes de eu poder dizer qualquer coisa, oferece-me uma pastilha de Panflavina, porque... está com uma forte constipação.

Vêem, a isto chamo eu uma pessôa atenciosa!

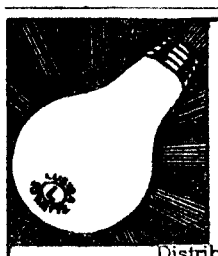
As pastilhas de

BAYER

Panflavina

evitam os contagios, as inflamações de garganta e as constipações.

A caixa de 30 pastilhas vende-se em qualquer farmacia por Esc. 13$00



FACTOS E NÃO PALAVRAS

Para que as lâmpadas durassem mais de 1.000 horas seria necessário reduzir a luz produzida e aumentar o consumo da corrente o que era anti-económico. Compre LUSTRA que dura em média 1.000 horas.

Distribuidores:
António José Fernandes, L.da
44, Rua dos Remolares, 48 — LISBOA

SEMPRE QUE tenha de fazer algum seguro contra fogo, quebra de vidros ou acidentes no trabalho, deve, no seu interesse, consultar a

Companhia de Seguros **«O TRABALHO»**

Segura bem porque está bem segura

Rua José Falcão, 211 — PORTO
Delegação em Lisboa:
J. T. Pinto Vasconcellos, Ld.a
Praça Duque da Terceira, 21

Carreiras de Camionetes da C. P.

entre Lisboa e Portimão, via Barreiro, Alcacer do Sal, S. Tiago do Cacem, Odemira.

PARTIDAS DE PORTIMÃO		PARTIDAS DE BARREIRO	
Partidas de Portimão	8,15	Partidas de Lisboa T. P.	7,35
» » Lagos	9,00	» » Barreiro	8,15
» » Bensafrim	9,20	» » Moita	8,30
» » Aljezur	9,55	» » Palmela	8,50
» » Odeceixe	10,20	» » Setubal	9,10
» » Odemira	11,05	» » Aguas de Moura	9,50
» » S. Luiz	11,30	» » Alcacer do Sal	10,45
» » Cercal do Alentejo	11,50	» » Grandola	11,25
» » S. T. Cacem (almoço)	13,25	» » S. T. Cacem (almoço)	12,55
» » Grandola	14,20	» » Cercal do Alentejo	13,55
» » Alcacer do Sal	15,00	» » S. Luiz	14,10
» » Aguas de Moura	15,45	» » Odemira	14,40
» » Setubal	16,30	» » Odeceixe	15,20
» » Palmela	16,45	» » Aljezur	15,45
» » Moita	17,05	» » Bensafrim	16,20
Chegada a Barreiro	17,20	» » Lagos	16,45
» » Lisboa T. P.	18,00	Chegada a Portimão	17,25

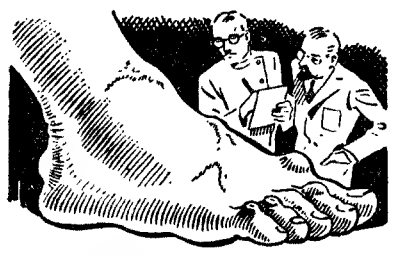
SERVIÇO RAPIDO E CONFORTAVEL

Embarque e desembarque nas Estações do Terreiro do Paço e Barreiro'Mar

O trajecto pela via fluvial é feito pelos magnificos barcos da C. P.

Pés tratados em 3 dias

Famosos especialistas comprovam o fim dos males de pés numa «*experiência de 3 dias*»



1.º DIA. Pés inchados e ardentes, dois calos dolorosos, má circulação, grande sofrimento! Logo com o primeiro banho de Saltratos Rodel aos pés, o alívio é imediato, diminuindo a inchação e o ardor.

2.º DIA. O banho de Saltratos Rodel dado aos pés, no segundo dia, restabelece a boa circulação sanguínea e os tecidos são ràpidamente restaurados graças ao oxigénio dêstes sáis. A sensação de ardor cessa pràticamente e a inchação desaparece quási por completo. Os calos deixam de doer e ficam ligeiramente amolecidos. O calçado já não magôa.

3.º DIA. Os resultados que se obtêm a partir do banho do terceiro dia são magníficos. Desaparece totalmente a inchação. Os calos amolecidos, ficam prontos a serem extraídos sem dôr, mesmo com os dedos. O calçado torna-se confortável.

Compre hoje mesmo um pacote de Saltratos Rodel e poderá dizer adeus aos calos e outros males dos pés. À venda em tôdas as farmácias e drogarias.

GRATUITAMENTE: Para provar que um banho saltratado põe fim à dôr, enviaremos grátis uma quantidade de Saltratos Rodel suficiente para um banho benfazejo aos pés. Envie simplesmente o seu nome e endereço a Jules Deligant, L.da, (Serviço 19 P) Rua da Assunção, 88 — LISBOA. Esta oferta é só válida para 5 dias. Portanto, escreva hoje. Não mande dinheiro.

Esplendida moradia

Será vendida em hasta publica á porta do Tribunal das Execuções Fiscais no proximo dia 17, pelas 15 horas, o predio sito na Avenida da Republica n.º 29. Tem todas as comodidades modernas. E' de magnifica construção. Preço base da licitação Esc. 475.200$00.

Para vêr, procurar o escrivão Senhor Prospero do referido Tribunal. — Telefone 2 3142.

PARTEIRA
ESPECIALIZADA

R. Augusta, 275, 4.º **Telef. 2 9607**

Partos, tratamentos. Consultas gratis
BASILISA PEDROSA

Diario de Lisbôa
Suplemento literario

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA — Telefone 20271

A LUVA

Estudo sobre os inconvenientes da imaginação

Sempre que saía de casa trazia estudada a maneira como havia de entrar no café e instalar-se na primeira mesa, que encontrasse desocupada. Sem fixar ninguem, é claro! o olhar abstrato, numa veladura arqui-dandi de indiferença e de fadiga...

Era, de facto, a grande crucificação da sua vida: o aprazimento gordanchudamente inticante da cara dos outros.

Com mais razões, talvez, que as do *interessado* confidente das más venturas de *David Copperfield*,—ele poderia ter subscrito a frase de Dickens sôbre a tirania da face humana. Com mais razões, sim, porque, a cada passo, a sua sensibilidade de escorchado era fatal vir esborrachar-se contra toda a sorte de amostras dessa tirania, visto que, pela sua fatalidade de contraditorio, era *tambem* um voluptuoso de multidões, com o misticismo dos sitios bulhentos, onde três copos vazios de *orangeade* transformam três mazombos em seis indefectiveis tagarelas.

O café que frequentava agora podia classificar-se dos mais discretos. Clientela escolhida, e, ainda para mais, com quarteto.

Na segunda sala, que pinturinhas adornavam duma tinturaria desenxabida a mais não, pondo a um e outro lado da parede uma sensação de orgia barata, neutra, fotografica, com *romanos* de aluguer a erguerem, sem ebriedade nenhuma, taças acabadas de vir da loja, inexperientes dos cinismos esbeltos da esturdia; gatos pingados estoirando em casacas de emprestimo, e nudezes delineadas de ouvido, sem acidulados de sexo, a trairem o descaso dum pincel, que tanto poderia ter debuxado isso, como uma talhada de melancia sôbre um prato amarelo, a par de um cacho de uvas mijonas,—na segunda sala, em volta do estrado, onde os sons viravolteavam o seu ron-ron sonambulo de asas ,—ia uma turma de extasiados.

Nos trechos celebres, contra que ele, valha a verdade, tinha o seu quê de prevenção, não conseguindo subtrair-se a lhes achar sempre qualquer coisa de fruste e de engonçado, vinda, quem sabe? dos milhões de receptividades anodinas, menos que comuns, que tê-los-iam desgastado do seu potencial teogónico de suscitadores de estados de alma,—nos trechos celebres, uns certos suspendiam no ar a torrada, e, amodorrados de ascese, maxilas imoveis, com oscilações graves de cabeça, mimavam o compasso, esquecidos de que *lá fora,* voltariam a ser pais de familia, com *mesdames* abespinhadas por todas as asfixias pulhas dos orçamentos minguos; *Fifis* esmarelidas, obsidiadas de namoro, e uma tia velha, paralitica; empregadorios intoxicados de papel oficial, carcomidos de formulas e pigarreando o preconceito das benemerencias do chefe; bestas de carga, de escritorio, emurchecendo por essas pensões, em chinelas de gastralgicos, a sua saudade antiga do que se chama um bom bife, com os temperos todos e carne autentica, apre!

Outros, com o busto meio deitado para trás, como a seguir a espiral vadia de Deus sabe que escogitação,—se acaso uma cadeira arrastava, ou uma colher, ao lado, remexia mais alto a bebida, ou numa mesa desatenta um grupo não se lhe dava de continuar o seu zangarreio heretico,—tinham um olhar duro, assassino, procedido dum momo acido de desprezo...

Uma tarde, quando entrava, o violinista havia acabado de distribuir pelas estantes o bocado a executar. Atravessou com o seu passo mais celere o comprido corredor, direito ao cantinho que afeiçoava, lá no fundo,—por sorte sem ninguem. O criado veio, com o guarda-napo e o sorriso obsequioso de sempre, ciciando-lhe, numa beatutide de melomano, entendedor das preferencias gostosas do parceiro:—que iam tocar agora uma das suas musicas predilectas: *A canção de Solveg.*

A canção de Solveg! Apenas duas paginas!

(Lembrava-se de que certa noite, quando num portal, se refugiava da chuva, dessas chuvas colericas de março, que caem, vociferando, como se quisessem submergir tudo, e as ventanias trasmalham, minutos depois, suplices e a tiritarem de confusão,—uma figura veio correndo, com tremelhicamentos de velha ave gotosa, meter-se tambem no abrigo propiciador.

Era um pobre diabo, que o alcool fulminára, com a sua corrosiva habituação, e que, por esse facto, todo o sarrafaçal se permitia vilipendiar, utilizando-o em toda a especie de mesteres pandilhas, de incumbencias rasteiras de podengo.

Conheciam-se. Tinha uns olhos de porcelana suja, baça, distinjindo um azul mal-são, em que dirieis que teimava, no entanto, qualquer informe resquicio da memoria doutras perspectivas, doutros ambientes, puros, talvez, mortos, desaparecidos ha quanto tempo!

A voz bamboleava-lhe, jactitando em ofegancias de veletudinario, e por todo ele esse derreamento de *magot* giboso, que diz anos e anos de humilhações e pontapés; dias sem pão em *ghettos* de pré-historia; noites de inferno, prostrado sobre um catre, no fundo dum buraco, onde não ha uma janela p'ra poder encher de ar a arca do peito, e espreitar o tropel das estrelas, ou nos ceus de musselina reconstituir fisionomias de bem-amadas no novelo branco da lua...

A chuva tinha acabado, e, como metessem conversa, subito daquela larva átona, daquele trapo de escarneo, um ser *diferente* esfusia, ilogico, absurdo, empapado de ternura. Falou da «sua mãizinha», que tinha sido uma pianista distinta, e contou que o que ela fazia com mais satisfação, coitadita! era tocar, ás tardes, coisas de Grieg,—«não sei se conhece?—«O que eu gostava de lhe ouvir a *Canção de Solveg»!* E' pequenina, mas um verdadeiro mimo, deve saber... Volta-se a pagina e acabou-se. Mas que encanto e o que remexe cá por dentro! —Agora cheguei a isto, p'r'aqui... Azares da vida! Haja saude!»).

... Apenas duas paginas!

Morria ainda no ar a ultima voluta da *préghiéra* dulcissima, espargindo pelo ambiente a sua hipnose de sonho, e eis que uma mulher, de uma beleza estridula, acompanhada duma barbicha de pão torrado e côco presumido, veio sentar-se na meas fronteira á sua. Supersticioso como todos os desgraçados, viu no facto dessa aparição, logo após o suave encantamento melodico. uma coincidencia amavel do destino, e pôs-se a detalhá-la.

Oh, que altivola rainha da impertinencia! Embainhada numa dessas neuroticas *toilettes,* que os costureiros inventaram para demonstrar que o estapafurdio e o desconexo são os mais formosos canones da harmonia de linhas; cabelos dum loiro acintosamente nuançado de castanho,—dir-se-ia a *Primavera,* dum Botticelli sacrilego. Que evoés de mocidade, de vida estrugidora, timpanica, nos olhos de tafetá azul!

Bonita? Sim! Dessa beleza tumultuaria, electrica, violenta, imperativa, que lhe vinha da certeza celular de ser nova e que lhe reboava por todos os globulos do sangue a fascinada perturbação de certos olhares de homens, que haviam de fixá-la. Os dedos dum desenho espasmico de piciolos longos seguravam o copo, como que num rito profano.

E, curioso!, dessa escultura petulantissima de desafio, dessa *maja,* enfeitiçando com nervos de seda e de desdem, vinha o hino da mais branca e auroral sugestão de *infancia.*

Era o que o tinha preso, enrodilhado, perplexo: essa dualidade de santa e de impudica; essa mistura de arcanjo e cortesã.

A barbicha esquipatica conservara-se silenciosa, soprando um cigarro enfastiado. Como o relogio marcava um quarto p'r'ás sete, retomou o côco. e sairam, num rastro mui tenue de *verbena*...

A musa enigmatica tinha-se esquecido duma luva, que rolara para debaixo da mesa, e ele começou a manobrar para apanha-la. acicatado de fetichismo.

Ninguem déra pela artimanha, e sentado agora na mesma cadeira que ela ocupara havia pouco; *sabendo que tinha no bolso a luva,* com o calor ainda, decerto, da esplendorosa carne de assucena,—imaginava os absurdos mais fantasticos, e era feliz, caramba!

Via-a sóror e noiva, com um sorriso irmão-gemeo do da *Femme à l'ombrelle»,* de Manet, no Louvre, nas salas do seculo XVIII, a extasiar-se com ele ante a humanidade evanescente, senhorial, e as grandes arvores sensitivas, de Watteau, murmurinhando melancolias dum outono de sincope em países de magia, e em frente do *Embarquement pour Cythère,* seguir, pensativa, apoiando-se-lhe no braço, a ronda dos peregrinos, na sua marcha obstinada para a Ilusão, entre arquitecturas fluidas de cordagens e todas as vozes do Desejo sem nexo, do Desejo-nuvem, que sussurram pelo vasto espaço colorido o seu sussurro estésico, mais pressentimento que realidade...

Via-a no seu Paris de maravilha, na *terrasse* dos grandes *boulevards* a sentir, tal qual ele sentia, a grisalha beijante do ar, duma tonalidade *unica,* ou saboreando um mêdo identico, voluptuoso face ao *tohu-bohu* da Vida, que rolava ali perto o seu barulho...

Debruçava-se com ela dos altos vertiginosos de *Notre-Dame,* e junto da horrifica *criatura* de pedra, metade homem, metade grifo, que contempla, perdida numa cisma funesta, a formidanda Metropole-bruxa,—notava-lhe o mesmo confrangimento pela tortura mitica, pelo odio caótico daquela imobilidade, feita monstro.

Imaginava-se na sua companhia, na primeira classe de todos os comboios, atravessando paisagens de assombro, chicoteados ambos pelo vento louco das veolcidades; ou, como no poemeto de Mallarmé, *La pipe,* via-a atirar o seu chapeu de viagem, cansada dum radioso cansaço, depois da travessia do Mar da Mancha, que haviam feito, unidos, sob os fustigos da vaga marinha, entre as amaviosas fantasmagorias da bruma da manhã...

Ruinas de Roma, que sobrenaturaliza de misterio uma lua morta, milenaria; lagunas de Veneza a um poente mirifico de esponsais de doge; meios-dias de Flo-

(Vêr continuação na 4.ª pagina)

Escritores estrangeiros

Jean Cocteau e Julien Green

ESTE SUPLEMENTO NAO PODE SER VENDIDO EM SEPARADO

Ecos

Morreu agora, em Inglaterra, com 94 anos, um homem que se dizia saber o «misterio do mundo». Chamava-se William Stanley Mansfeald. Em 1860, tendo concluido o curso universitario, aprensentou-se em casa do arcebispo de Canterbury, e fez-lhe esta sensacional e estranha declaração:

—Estou na posse do «misterio do mundo», misterio de enorme importancia para os futuros destinos da humanidade.

O arcebispo de Canterbury preguntou-lhe como soubera «aquilo». William disse-lhe que fôra em sonhos. E acrescentou:

—Estou disposto a dizer tudo, se receber cinquenta mil libras esterlinas!

O arcebispo declinou a proposição: era muito cara.

William não desistiu. Até ao ultimo dia da sua existencia escreveu aos jornais e aos homens publicos, oferecendo-lhes a sua tentadora revelação. Ninguem, porém, quis saber em que consistia, afinal, o misterio do mundo.

■

O ano de 1938 não é muito rico em comemorações importantes. Ha, porém, que registar os centenarios do nascimento de Gambetta (2 de abril) e o de Bizet (25 de outubro), bem como o da morte de Talleyrand (17 de maio). Ha a recordar que Luiz XIV nasceu em 5 de setembro de 1638 e Malebranche em 6 de agosto do mesmo ano. A estes dois tricentenarios ha a juntar o da morte de Jansenius (6 de maio).

O doutor Guillotin, inventor da guilhotina, que nasceu em 29 de maio de 1738—terá o seu bicentenario para os magazinistas. A Alemanha celebrará o centenario do nascimento do conde Zeppelin (8 de julho) e a Inglaterra as cerimonias do coroamento da rainha Vitoria.

❦

Em França os intelectuais disfrutam da simpatia da opinião publica. Colette que vivia, nos Campos Elisios, com a sua gata e o seu cão, numa entrevista, lamentou-se de não poder voltar a habitar numa casa do Palais Royal. Ia mudar para a praça Vendôme, á sombra da estatua de Napoleão.

Quando o proprietario da casa do Palais Royal leu a lamentação de Colette, imediatamente lhe escreveu, pondo o antigo domicilio á disposição da escritora.

Em Portugal não ha exemplo de tal, nem mesmo de coisa semelhante. Quando muito, como «literatura», um mandado de despejo.

❦

Porto Riche, que morreu sem nunca ter ocupado o seu «fauteuil», na Academia Francesa, em virtude de não ter feito o discurso de recepção, que é exigido a todos os membros daquela sapiente assembléa,—entrou agora ali em efigie, reproduzido em marmore pelo escultor Jean George Achard. O busto é de proporções respeitaveis, e encontra-se, provisoriamente, na escada do edificio. Será um simbolo?

NO ANIVERSARIO DA SUA MORTE

O lirismo de Guilherme de Faria

Foi em Janeiro, um janeiro frio como este, que, em certa manhã transparente e clara, o corpo de Guilherme de Faria foi atirado de encontro ás penedias de Cascais. Tinha vinte e um anos apenas, mas deixára já um espolio literario que muitos podiam invejar — Sombras, Manhã de Nevoeiro, Destino, Saudade minha, Desencanto — *eram fragmentos da sua alma, farrapos da sua inquietação interior, que ia tambem deixando em prodiga dispersão de beleza, nas paginas de revistas e jornais, ou apenas nas conversas de Café...*

Guilherme de Faria se foi, talvez, um dos ultimos poetas liricos desta terra, foi com certeza o ultimo boémio da poesia portuguesa, agora que alguns poetas procuram as musas nas repartições publicas e medem os seus versos pela mesma craveira das promoções burocraticas...

Nele a sinceridade instintiva andáva ao lado da emoção confessada e traduzida em versos... Ao encontrar-se, por acaso, nos azares duma convalescença, frente a frente com o seu destino de poeta não lhe fugiu receoso nem se lhe entregou confiante; ao «acontecerem-lhe» — como dizia Fernando Pessoa — os primeiros versos, compreendeu que não se fórça nunca o caminho que não se solicitára. E deu-se todo á embriaguês compensadora da magnifica aventura que chegava.

Pertencia Guilherme de Faria áquela estirpe de homens privilegiados que não têm necessidade da multidão para outros fins que não sejam o isolamento ao seu contacto, ou as grandes recompensas interiores que o anonimato na confusão da rua proporciona. No mais intimo da sua sensibilidade encontrava sempre todas as respostas a todas as preguntas. E chegava-lhe, para os devaneios da sua alma inquieta, a meia duzia de amigos que ainda hoje o recordam numa saudade que não desaparece...

Em Guilherme de Faria o lirismo português vibrou como talvez não tenha vibrado em nenhum outro poeta deste tempo. E exactamente porque morreu quando a vida ainda não lhe negára as «ilusões necessarias», exactamente porque fez da sua obra um cantico permanente á sua fé e ao seu amor — Guilherme de Faria não teve tempo de ir procurar á beleza apenas ritmica a beleza porque ansiava...

A obra de Guilherme de Faria só começou a ser estudada e compreendida após a sua morte. Sucedeu-lhe como a Proust, exactamente porque num como noutro a mesma constante necessidade de confidencia tornava por vezes interditos, aos olhos dos espectadores, aspectos que só a posteridade pode devassar. Grito permanente de melancolia, a sua poesia é essencialmente portuguesa embora não esconda aqui e além o rasto dum Verlaine ou dum Rimbaud; ha um ensaio a fazer sobre o Mar e a Saudade, na poesia de Guilherme de Faria. De facto se a saudade foi para este poeta um motivo constante de expressão interior o mar foi o grande destino dessa saudade. Saudade que se faz dôr para melhor cantar, saudade que antes de ser amor já é sofrimento pelo amor que não chegou ainda. E o mar, constantemente, na linha do seu horizonte poetico:

ondas marinhas
ondas dizei-me
Saudosamente
Saudades minhas do meu bem ausente.

ou então:

«Oh mar sou teu irmão! Tumultuoso
Assim como tu és, vasto, sem fim...»

Guilherme de Faria não ignorava que dentro de si se agitava um oceano de duvidas e de dôr. Ele compreendeu e sentiu melhor do que ninguem aqueles imortais versos de Musset:

«Les chants désésperés sont les chants les plus beaux...»

Ha homens que nasceram para passar na vida sem procurarem nunca o sentido do seu segredo, e ha outros que desde logo o encontram na primeira encruzilhada. Aqueles são talvez mais felizes do que estes porque não sofrem tanto — mas são infinitamente mais desgraçados porque não chegam a viver. Guilherme de Faria cumpriu esse seu destino de poeta que, revelado aos catorze anos, para sempre o marcou em beleza e em sofrimento interior. Nele a poesia não foi — na expressão de Max Jacob — um sonho inventado *porque foi sonho vivido. Sonho tão grande e tão vivido que só na morte o encontrou de novo quando na vida já não podia procurá-lo.*

LUIZ FORJAZ TRIGUEIROS

DIALOGO DE AMOR

por Eugenio Vieira

Na flor da vida encontraram-se os dois. Ela de aspecto brando, serena e delicada; ele impulsivo e fogoso.

Dálila, porque não correspondes ao calor da minha juventude?... Olha! A vida é boa. Nela singram encantos. Todo o mundo é um rosicler, um entretenimento de amor e de gloria!

Telmo, redarguiu a bela, o rosicler doirado não é mais, na fotosfera, que uma imagem luminosa: tudo poalhas, tudo fumeiros, tudo visão mentida.

Dálila, não digas tal: a luz é a vida e a vida é o amor! Não ouves como as aves cantam, como os riachos murmuram, como o azul do ceu sorri, como o sol ostenta o seu manto de oiro?

Telmo, redarguiu a bela, não ouves como os regatos soluçam, como as aves pipilam de magua, como o poente tem tristezas, como o vento geme tristuras, como a propria aurora, na sua luz brilhante, freme, a adivinhar as maguas da tarde?...

Dálila, enganas-te. O vento blazona; dá gargalhadas em seu sibilar. E' uma alegria dionisica a que ele espalha na vida. Os regatos não soluçam, segredam de amor; as aves que pipilam é de ternura e carinho: a aurora freme de virginal alegria, desapertando o seu manto e dando-se ao heroico e divino Phebo.

Telmo, vejo uma barca que vai mar-emfora, singrando á aventura; leva o todo desarvorado e caminha para o naufragio, para a morte. Lá se erguerá o tufão e fará das ondas o sepulcro da vida.

Não, Dálila, a barca é uma nau guerreira á conquista de outros mundos, singrando leve como a espuma nas cristas das vagas. Ela vai descobrir novas paragens de amor, de alegria e ventura. Não vês Dálila, como o marbeijaterno a escuridão e a espessura das rochas; como o alcione geme de adoração e amor pelo seu par, que corresponde a seus vôos e gemidos? Não vês como a fosforescencia da luz se casa com as vagas e nelas descanta em luminosidades lendarias, fartos hinos de amor?

Não, Telmo, o que eu vejo é a agua torturada, esverdinhando biliosa, a arremeter em desespero contra os eriçados fraguedos que encarceram o mar e lhe servem de eterna prisão; e o alcione chora talvez outra vida que perdeu, quando era agua verde, quando era rocha, quando era espuma, quando era luz!

Dálila, olha a luz do luar e escuta a brisa ciciante. Uma mostra a ventura, outra segreda o amor. O luar calmo enche de bençoes as campinas, delimita suavemente cada forma, como a brisa delimita e transmite cada olor; e noivam os perfumes sob o luar, e sob o luar se enamoram e concebem as flores. Ha uma toada tenue que mal se percebe entre o fulgor da lua e o ciciar da brisa; são os beijos dos silfos e o halito brando dos elfos em procura das silfidas para se amarem. Ha como um rumor eterno e delicioso, vizinho dum silencio sagrado: são os canticos das estrelas no longinquo firmamento, que o amor está em tudo, e segreda de astro para astro.

Telmo, a luz do luar é fria: é o olhar duma grande morta a esparzir-se por sobre a nautreza: a sua luz tem atracções de abismo, vem das montanhas frias, tremulantes de azulencias vagas, onde a atmosfera hesita e se cala; e as formas das cousas, ao luar, são de saudade. das mesmas cousas, que, em outro tempo, a uma luz mais viva e forte, viveram e brilharam; e os perfumes das flores são deliquios de angustia e da saudade que mata... E essa toada tenue, que ouves, é o segredar contrafeito do velho mal, disperso por montes e por vales; e os canticos das estrelas não são mais que brados vagos de saudade, de formas radiosas afastadas sem remedio, no Infinito degredadas!...

Dálila, Dálila, enganaste: tudo na vida se possui: amam-se os seres concretos como as formas vagas: de dois raios de luz que cohabitam nasce nova luz mais intensa e grandiosa. E assim se multiplicam os sois; ha em cada beijo de perfume a congeminação para uma nova cadencia de vida que depois desabrocha; e em cada sopro brando de aura ha uma ancia de viver que se transforma em rajada. E todo o Universo, meu amor, não é menos que um infinito mar de vida. E em todo ele, um fogo se agita, que proclama a conquista do ser pelo ser, numa permuta eterna, num anceio de formação.

E Telmo, aproximando os labios quentes dos labios frescos e palidos de Dálila, imprimiu neles um cálido beijo, um beijo de fogo que como fundiu a neve daquele ser esquivo e a fez sonhar e viajar nas estrelas por entre os perfumes das flores e entre os canticos das aves.

E as formas de ambos enlaçaram-se penetraram-se, fundiram-se num envolvimento de perfumes, de ciclos e de brilhos de luar.

.....

EUGENIO VIEIRA

Cantar de amigo

Fez El-Rei arados para os homens todos,
Para a terra inculta se poder lavrar.
Distribuiu sementes, pródigas, a rôdos.
Mas ficaram cegos, em perdidos modos,
A olhar o mar.

Fez El-Rei cantares a pensar consigo:
«Hão-de amar a terra com o meu cantar.»
Oh! Que lindas trovas de cantar de amigo!
Mas ficaram surdos, como por castigo,
A ouvir o mar.

Nem cantigas dôces, nem arados duros.
Tudo foi embalde para os enganar!
Mas El-Rei teceu-lhes, para os ter seguros,
A cortina verde dos pinhais escuros
Que tapou o mar.

PEDRO RAMOS GUEDES

Dez minutos com

Mario Domingues

Mario Domingues começou a sua vida de escritor em 1928, com o «Anastacio José». O jornalista brilhante, cuja forma lapidar impressionava os seus pares, revelou-se um admiravel romancista, que sabia, como poucos, caracterizar as figuras, e observar, nos seus ridiculos e paixões, a fermentação ardente da vida lisboeta. Veio depois «O Preto do Charlston», que não é um livro negro, mas um estudo de piedade e simpatia da alma humana, e agora «Uma luz na escuridão», livro do qual o autor nos vai falar, marcando as suas caracteristicas.

Eis a nossa primeira pregunta:

—Como trabalha?

—Como trabalhamos todos nós, jornalistas, quando pretendemos ultrapassar a noticiazinha, a entrevista ou a cronica e nos lançamos em trabalho de maior folego: sem metodo, um pouco em casa, um tanto pelas redacções, entre o rumor das conversas, rabiscando capitulos no intervalo de uma reportagem de crime e de uma noticia de desastre. Os meus primeiros livros foram todos feitos assim: ás guinadas, de madrugada, após o labor intenso de um ou mais jornais. «Uma luz na escuridão» teve a mesma sorte na gestação. Escrevi-o em 1934, quando ainda estava muito preso a colaborações jornalisticas a que não podia furtar-me.

—Qual o objectivo do seu romance?

—Pus nele toda a minha alma. Tratei as suas personagens com grande carinho. Quis fazer de «João Carlos», o heroi, um heroi de facto, destes que vivem nobremente, num meio social acanhado e dificil, para uma causa que se lhes afigura tão bela que merece o sacrificio da propria vida. Entre lunaticos e maus, o meu pobre heroi—o mais puro, o mais sonhador e idealista—teve que ser sacrificado, vilipendiado, vaiado. Sucedeu no romance o que sucede na vida: os apostolos, mesmo um pouco ridiculos na sua sinceridade e na sua fé, são sempre vencidos. Mais tarde é que o seu sacrificio se torna fecundo.

—E as figuras?

—Quis fornecer, modestamente, uma serie de tipos do nosso tempo á literatura nacional. O «Amadeu Calhau», amavel por temperamento; o «Guilherme Cardoso», que só depois de correr em vão atrás da quimera, verificou que, afinal, apenas lhe faltava um carinho de mulher; o «Hernandez», falso medico argentino, tipo de burlão internacional, a «D. Candida», da Pensão, tão portuguesa na sua singelesa provinciana; «Severo Patricio», «Dr. Manuel Bento», Judite Calhau», todos agindo embora no meio naturista, pouco conhecido do nosso publico, são figuras bem desta epoca de uma grande inquietação espiritual, condicionada por paixões materiais absorventes.

—A profissão jornalistica influiu no romancista?

—Devo ao jornalismo uma inestimavel experiencia da Vida. Ensinou-me muito, forçando-me durante dezoito anos consecutivos a penetrar nos meios mais diversos e a lidar com toda a especie de gente, desde o mais rude pescador ao poeta, ao artista e ao politico. Conheço a fauna social portuguesa como poucos. O jornalismo levou-me aos presidios e aos manicomios, ás docas e ás furnas de Monsanto, ás sociedades de recreio e ás sociedades secretas. Por seu intermedio, armazenei no consciente e no subconsciente um manancial inesgotavel de tipos, dramas, farsas, miserias e problemas que pretendo, sem perda de um minuto, transformar em romances. «Uma luz na escuridão» foi o primeiro a sair desse grande armazem, que tambem já forneceu ha anos «O preto do Charlston». Com ele, quis experimentar ás minhas forças e não estou descontente. Agora vou mergulhar a fundo numa serie de grandes romances documentarios, dos quais o primeiro, quasi concluido, intitulado «Rua dos Remolares», se publicará brevemente.

«PATRIA MORENA»

Evora, cidade sepulcro

do dr. Hipolito Raposo

Ha livros que falam ao coração português: *Patria Morena*, do dr. Hipolito Raposo, é um deles. O grande escritor de tradição nacional sabe animar factos passados e, subtilmente, interpretar a vida de hoje, numa intensa claridade.

Nas paginas admiraveis desta sua nova obra, ha não só o calor duma intensa emoção espiritual, mas ainda como que um resgate de beleza das nossas cousas mais belas, algumas esquecidas pelos homens, outras lapidadas pelo tempo.

Da *Patria Morena*, transcrevemos ao acaso, este capitulo:

Quem vai a Evora e a contempla, não se esquecerá de louvar dentro dos muros, a justeza do titulo Evora Gloriosa, *escolhido para o seu livro de encómio pelo jesuita P. Francisco da Fonseca, atribuindo á fisionomia espiritual da cidade as notas de* profana, pia, pontificia, religiosa e douta.

Em verdade, celebrada pela Historia na paz e na guerra—Ebora belli sedes electa est, *desde as suas origens miticas, talvez nenhuma outra cidade, com excepção de Lisboa, possa ostentar melhores titulos de nobreza, antes e depois do baptismo de Portugal.*

Aqui se exercitaram e provaram armas, sangraram tragedias, floresceram celebres amores, divinos e humanos; e ao longo das idades, com incansavel esforço, prodigalizaram-se as munificencias de Reis, Principes e Prelados, a erguer muralhas de defesa, a espalhar o gosto e a alegria da agua das fontes, a construir palacios, torres, igrejas, escolas, mosteiros, ennobrecendo sucessivamente este lugar e sancionando em todos os periodos de civilização a escolha que dele fizeram os primitivos fundadores da cidade.

Preferida para côrte tantas vezes, desde a primeira Dinastia, gozando largamente dessa prerrogativa no periodo da grandeza nacional, e tambem côrte pomposa de musas latinas e portuguesas, foi Evora, durante mais de três seculos, uma das cidadelas da inteligencia, larario de letras classicas, escola viva de sensibilidade na poesia, na musica, nas artes plasticas, verdadeira acrópole das terras do Sul, a irradiar influencia, bom gosto, força e exemplo para os povos comarcãos e até para todo Portugal.

Ornada com tantos primores de arte, enriquecida com veneraveis fundações e recordações religiosa, militares e civicas, em nenhuma cidaae portuguesa se afirma agora mais impressivo e doloroso o contraste do que nela relembramos e do que lá podemos ver.

Chamaram-lhe um dia cidade-museu, e com esse titulo se contentaram desde então os noticiaristas das excursões e até os eborenses naturais, como se ele não valesse por certidão de óbito da propria alma que não costuma aniquilar-se na morte, e o museu não seja sempre, em vez de morada da vida, a camara funeraria das obras de arte que se desviaram ou se perderam do seu destino.

Evora lastimosa, *hoje mais ainda do que proclama o livro das calamidades dos francese, cidade sem alma—podemos tambem chamar-lhe com rigor, sepulcro vazio, embora quasi sempre bem caiado, no qual algumas paredes veneraveis ainda se mantêm erguidas, só para nelas se gravarem legendas de epitáfio:* Aqui foi o convento, ali existiu o palacio, além o colegio, acolá a Universidade...

Assim, em Evora quasi tudo foi, e pouco do novo que agora é, deveria continuar a ser.

O preterito é o tempo em que mais acertadamente se conjugam os verbos nesta terra de sedutora atracção, de encanto subtil, onde a luz do ceu se filtra através de poeiras sagradas. E pelas tardes sanguineas que esmorecem sobre o oceano de lava dos restolhos, podemos crer que no ar se difundem os ecos gemedores de Clio, de Erato e das outras musas, suas irmãs, expulsas do seu alcácer pela hostilidade dos homens e desses tempos em que o reino de Pluto já se constituia duradoiramente.

Vista do alto do zimbório, recolhida e aglomerada, mais seria do que risonha, sem o enleio doce e melódico de Coimbra, nem o pasmo do desterro de Elvas, toda a urbe vai amparando os portais, os alpendres e miradouros, as arcarias, as colunatas, os balaustres, á espera de que possam fazer dela alguma coisa mais do que o celeiro rural de um grande alqueive de mil folhas.

Claustros de granito, ainda mantidos a prumo ou já suspensos de teias de aranha, patios onde mora o silencio, conventos profanados vilmente, o da Graça, da graciosa medida de uma mole latina, além, fora de muros, o de S. Bento de Castris por onde trepadeiras abandonadas de cuidados, rastejam no pó, espalhando nas ruinas olores e fragancias que algum dia inundaram de suavidade as primaveras misticas das virgens eleitas; torres com sinos ao peito, a chamar timidamente para Deus um povo de fé perdida; as cruzes, os passos, os nichos, as inscrições, tudo se mantém á maior distancia da lida agricola e bancaria, acusando o divorcio das duas metades em que o mau destino desagregou Evora. Ainda ha culto, mas sem pompa nem esplendor, porque a mitra foi reduzida á indigencia e a fé já não se proclama nas obras de arte da pedra, das côres e dos metais nobres; aumenta a instrução e parece que deminue a cultura, provindo de origem comum o desamor do passado e a indiferença do presente; adivinha-se a riqueza entesourada, mas de poucos ha que esperar grandeza de alma capaz de escravizar o ouro a um alto pensamento, entre gente farta que no decurso de meio seculo foi deixando obliterar a gentileza no seu convivio social.

Por essa descontinuidade que dividiu Evora em duas faces, é culpado o seculo XIX, ciclo maldito de negação, de destruição e de falsificação da consciencia e do sentimento nacional. De Evora antiga, por honra ao merito das armas e das letras, a arvore simbolica de que se teciam as corôas civicas e se enramavam os pórticos e os intercolunios dos claustros, nos dias de festa da Inteligencia, era o loureiro de baga com o qual se ennobreciam os pobres sem os desmoralizar a riqueza facil; para representar a cidade de agora, a botanica emblematica oferecerá, em troca, a azinheira, que poderá enriquecer as casas, mas não ennobrece as almas. Na transição das épocas, embora obedecendo á lei de uma fatalidade histórica, á nobreza militar e intelectual deveria substituir-se a nobreza rural que se dignificasse com orgulho no esforço de lavrar a terra; mas os campos já desconhecem os proprios donos, a quem ladrarão como a desconhecidos, se lá voltarem, os cães de guarda dos rendeiros.

A cidade a que tanto se prende e de que jamais se esquece o encanto dos olhos que a viram, pode considerar-se despersonalizada vive uma fase estranha, alheia ao seu melhor destino, porque nela se desmente ou nega hoje, o esplendor histórico, os seus grandes prestigios espirituais de outros tempos e de outros costumes.

O arado veio até á barbacã, revolveu as cêrcas dos conventos, removeu as proprias campas sepulcrais, e da raiz das muralhas, destas quintas mimosas, ás serras que delimitam o alfoz da velha Liberalitas Julia, *ondeiam agora, em todas as direcções, ao mesmo vento vesperal, searas, olivedos e montados, por onde se alonga a irradiação das estradas e se cruzam amplas bençõe de paz e de fartura, vozes de zagais e alavoeiros no apelido solene dos gados que mansamente vão recolhendo aos montes.*

Mas a esta cenografia majestosa que a lembrança amplia por ilimitadas perspectivas históricas, evocando assédios, caçadas, batalhas, façanhas de louvor camoniano; á opulenta vastidão de terras prosperas faltam agora as graças das flores do espirito, desbotadas e crestadas pela indiferença e esquecimento: igrejas onde mal cintilam alampadas, livros que um prelado benemerito juntou e poucos sabem ler, pedras que testemunham a passagem de todas as idades da Historia e de todos os seculos da Nação, estão requerendo fé e mocidade para reanimar e vitalizar esses grandes recursos de floração, convivencia e beleza espiritual.

E não seria possivel nem justo ressuscitar o passado só para a delicia de o contemplar extacticamente, mas para continuar a vida que ele sugere e exemplifica, prosseguindo nos cuidados eruditos e restabelecendo os créditos da linhagem intelectual de Clenardo, de Vaseu, dos Resendes, de Aires Barbosa, de Francisco de Melo, de Gil Vicente, dos Vasconcelos, de Pedro Margalho, dos Estaços, de Duarte Nunes, de Leão, dos Fonsecas, de Luiz Molina, do arcebispo Cenáculo e de tantos que de Evora foram ou nela e para ela trabalharam.

Como em Salamanca, mãi de letras sagradas e profanas, centro de cultura e metrópole rural da velha Castela, terra de trigo e de toiros, poderiam ter subsistido tambem em Evora os dois aspectos essenciais da condição humana, para viver e filosofar, convizinhando o arado e a pena, a enxada e a lira, o pelico do pastor e a garnacha do clérigo, a jaqueta do maioral e a murça do doutor.

Em signo reconstruivo, um governo consciente dos seus deveres para com o espirito nacional, ofereceria á cidade de Evora as possibilidades materiais e legais de restaurar o velho solar das letras eruditas, restabelecendo aqui os altos estudos de Humanidades, Filosofia e Historia, deixando repovoar de estudiosos os seus colegios e conventos, reabrindo a sua Universidade, enfim, franqueando a entrada dos seus muros a quem saiba ou queira saber ler com brilho, rezar com fé, pensar com elevação e desinteresse.

.....

HIPOLITO RAPOSO

Os melhores brindes literários

Obras do dr. Joaquim Manso

FABULAS

Livro que seduz a imaginação infantil, de elevada moral, onde os animais contam as suas aventuras entre os homens

MALICIA SEM MALDADE

Deliciosa ironia espiritual, admiravel de conceitos e de pensamentos, no qual se fixam os mais ligeiros cambiantes da epoca

PEDRAS PARA A CONSTRUÇAO DUM MUNDO

Um filosofo de severa emoção, que depois de analisar a consciencia humana, debate os problema da vida e da morte

LIVRARIA BERTRAND

OS LIVROS DA SEMANA

São grandes os perigos que corre todo aquele que aborda problemas de estetica. As suas considerações passam, em geral, por uma especie de receita. Sobretudo em paises como o nosso pouco habituados a congeminações criticas e esteticas. Ora não se deve perder de vista que o *esteticista* e o critico sabem muito bem que não é nas obras de estetica e de critica que se *vai aprender a ser artista.* Nunca é demais repetir, com Taine, que o problema do talento não é da competencia dos teorizadores da arte sim da competencia dos pais. Acontece, todavia que o talento não supre todas as lacunas: precisa de auxilio. Todas as artes têm os seus segredos. A principal tarefa daquele que se ocupa de estetica consiste em desvendar esses segredos áqueles mesmos que por natureza estão destinados a servirem-se deles, valorizando-os. Há na vida de todo o grande escritor um anonimo mestre escola que lhe ensinou os segredos da escrita. Não foi ele, evidentemente, quem o ensinou *a ser grande escritor.* Mas foi ele quem lhe ensinou o segredo fundamental da sua arte: foi ele quem lhe ensinou a escrever. O critico e o *esteticista* são como que mestres de primeiras letras dos artistas. Isto nos paises civilizados. Nos outros não é preciso...

As repetidas considerações que aqui tenho feito sôbre romance já foram interpretadas desta maneira superficial e ligeira tão do agrado de muita gente. Ora a verdade deve dizer-se. Em Portugal tem-se pensado tão pouco nos problemas de estetica do romance que se não podem considerar descabidas as reflexões que se façam sôbre o assunto. Não ousarei dizer que se deva atribuir a nossa incipiencia no campo do romance a tal lacuna. E' contudo digno de atenção o facto de serem os ingleses—os verdadeiros mestres do romance—quem conta na sua bibliografia as melhores obras sôbre a materia. Um E.-M. Forster, um Percy Lubbock, um Lathrop, para não citar senão os mais conhecidos, consagraram á arte do romancista verdadeiros tratados. Em França são os proprios romancistas quem nos confidencia os segredos da sua arte. André Gide, Mauriac e Maurois têm-se ocupado abundantemente do romance. Até em Espanha, Pio Baroja se preocupou mais do que uma vez com a arte de escrever romances e Ortega y Gasset escreveu sôbre o problema um ensaio notavel *(Ideias sôbre la novela).*

Uma curiosa lição daqui se poderia extrair: que só nos países de insignificante produção romanesca escasseiam obras sôbre a estetica do romance. Daí a relativa surpreza que as minhas superficiais considerações parecem causar. Não estamos habituados em Portugal a pensar sôbre problemas que supomos resolvidos. O problema do romance está por natureza resolvido entre nós com a incipiencia do mesmo.

Mas já que falámos em receitas lembremos aqui o que sôbre receitas para fazer romances escreveu em tempos Pio Baroja. Para mostrar a sua inanidade (o que importa não são as receitas, mas o talento) o autor de *Silvestre Paradoxa* serviu-se de um simile muito feliz. Uma receita para escrever romances é coisa semelhante, dizia ele, a uma receita para andar em bicicleta. Se aquele a quem se recomendou que pusesse os pés nos pedais do velocipede, as mãos no guiador e o assento no selim sobe para cima de um bicicleta é certo estar no chão em menos de um *amen.* Não há forma de se lhe ensinar aquilo que o seu corpo só aprenderá á sua propria custa. Está certo, diremos nós. Mas se é inutil ensinar a escrever romances—coisa que só o talento ensina—a verdade é não ser de todo vão dizer-se a quem tenta semelhante empresa tal qual como se diz ao aprendiz de bicicleta em que sitio deve pôr as mãos, onde deve pôr os pés e onde deve pôr o assento—não deve ser de todo inutil, dizia, ensinar-lhe certas pequeninas coisas rudimentares que muitos *romancistas* portugueses mostram desconhecer quando tentam o romance. A verdade é que há escritores portugueses que se abalançam a escrever romances sem saberem onde estão o selim, os pedais e o guiador... Por isso acontece, com frequencia, pôrem os pés no guador, as mãos no selim e o assento nos pedais...

* * *

Ruy de Sant'Elmo (nome que sabe a pseudonimo) já tem varios romances e contos publicados. *A Sombra dos Mortos (Seara Nova,* Lisboa, 1937) é o seu terceiro romance. Eis aqui um dos tais romancistas portugueses que nos dão a impressão de não saberem muito bem onde ficam os pontos de comando da arte que cultivam. Não se pode dizer que *A Sombra dos Mortos* seja uma obra totalmente destituida de qualidades. Pelo contrario. Acontece, porém, que essas qualidades são completamente desvirtuadas após as primeiras cinquenta ou sessenta paginas. Não sei se será inutil repetir que um romance é uma obra que não pode impôr-se por fragmentos. Um romance será tanto melhor quanto mais dificil fôr extraír-lhe paginas selectas. Tal qual como uma sinfonia, um romance é um todo encadeado, em que uma frase comanda outra, que a vai completar e por assim dizer realizar. Ruy de Sant'Elmo parece esquecer isto. O estilo em que o seu romance está tratado, conquanto seja um tudo nada precioso, é mais ou menos desperto. Não é pois pelo estilo que a obra peca sim por outro lado. Peca por deficiencias intrinsecas á arte do romance. Vejamos onde Ruy de Sant' Elmo se mostra deficiente.

A SOMBRA DOS MORTOS
romance por RUY DE SANT'ELMO
SONHO DESFEITO
romance por ANTONIO CABRAL

As primeiras paginas da obra denunciam uma boa economia de movimentos. O quadro do primeiro capitulo é o melhor da obra. As personagens vão caminhando para o leitor á medida que a propria acção se movimenta. Os operarios maltrapilhos da fabrica de tecelagem são-nos mostrados um por um. E' uma alcateia de lobos esfaimados. Tem-se a impressão de que o autor nos vai dar um romance realista. O ambiente do segundo quadro mantêm-nos nessa espectativa. Tudo caminha mais ou menos razoavelmente até á chegada da professora—a D Vitoria. O seu desembarque na pequenina estação serrana é feliz. A curiosidade do dr. Silvestre, que vai ao encontro do carro que transporta a professora, tambem está certa. Mas tudo nos indica, pelo retrato que o romancista nos traça de D. Vitoria («vestia um trajo inclassificavel, dum talhe anacronico. A côr, outrora preta, tinha agora uns reflexos furta-côres, amarelo-queimado, sôbre fundo atirando a verde. Farripas adejantes de cabelo estripavam-se do chapelito no cocuruto da cabeça») —tudo nos indica, dizia eu, que a professora era uma pobre velha beata, sem ambições, prestavel e simpatica na sua figura ridicula. Mas, não. Não se sabe porquê, esta mulher, de quem todos gostam a principio, torna-se, em breve, como que um demonio. Num abrir e fechar de olhos é ela a senhora da casa. Dispõe de tudo e de todos. Discute com o dr. Silvestre de problemas metafisicos e sociais. Parece detestá-lo, mas afinal ama-o... Enfim: esta pobre D. Vitoria é o fantasma central da obra, porque a certa altura todas as personagens começam a transformar-se em fantasmas. Mateus, o progenitor de Rosita, a discipula de D. Vitoria, aparece-nos, de subito, dominado pelo espectro do pai, um incendiario. O dr. Silvestre, intimo da casa, é de repente olhado como individuo suspeito por ter entrevistas com a Rosita, uma pequena de onze ou doze anos... E o filho do caseiro, aluno de primeiras letras da professora, surge-nos, de subito, engenheiro depois de passar uns anos na cidade, (não podem ser menos de 12) que no romance nos parecem horas. Quando o espectro do pai começa a atormentar o espirito do filho, o velho Mateus, o livro transforma-se num imbroglio sem pés nem cabeça.

Não tentarei ir mais longe no resumo da obra, porque receio perder-me. Ruy de Sant'Elmo converte o seu romance, a partir de um certo momento, numa obra de tese. Eis o desastre. Caracteres, ambiente, tempo, intriga, tudo passa a girar á volta de uma unica preocupação: demonstrar a tese. Diga-se, porém, de passagem que a tese é tão obscura e confusa como o proprio romance. Uma das coisas em que Ruy de Sant'Elmo parece especialista é no avolumar das tragedias. Tudo se torna monstruoso desde que se avizinha a pseudo-loucura de Mateus. Os efeitos são todos arbitrarios. Cego, gotoso, obsecado, pobre, num «ambiente de dôr, de lamentações, de longos silencios reconcentrados, de qualquer coisa de contrafeito», nesse «ambiente, de desconforto, sombrio e humido como uma prisão». Mateus vai-se aproximando da morte. Mas afinal não ha nada em casa de humido, de sombrio, ou de desconfortavel. Todas estas desgraças são para preparar a tragedia, que se não chega a ver. Como se as tragedias não ocorressem muitas vezes nos ambientes menos tragicos... De romance realista, mais ou menos bem iniciado, *A Sombra dos Mortos* acaba num melodrama confrangedoramente grotesco.

* * *

A abrir o seu romance *Sonho Desfeito* (Livraria Popular, de Francisco Franco, Lisboa, 1937), Antonio Cabral escreveu estas palavras: «Preguntou-me um dia *alguem* se um pobre narrador de factos historicos e politicos, em vez de perder tempo em dar importancia ás pedradas de qualquer garoto, alapado nas colunas de gazetas sem valor, seria capaz de compôr e escrever um romance de imaginação». «Repliquei, imediatamente, que, inspirado nas obras dos Mestres, esse escritor poderia, pelo menos, produzir um esbôço de romance, de que *ninguem* devia escarnecer, porque seria uma tentativa honesta».

Estou absolutamente convencido de que *Sonho Desfeito* é «uma tentativa honesta» de romance. Como tal me dei ao cuidado de o ler. Pode mesmo dizer-se que Antonio Cabral foi honesto demais na sua tentativa. O maior defeito da sua obra é ser *excessivamente honesta.* Porquê? Porque, conquanto Antonio Cabral nos diga «que não ha» no seu romance« um só nome que não seja imaginario e um só facto que não traduza ficção», a verdade é tudo ter nele o tom das coisas contadas com o modelo á vista.

O romance de Antonio Cabral é fecundissimo tema para uma dissertação sobre a arte do romance. Pode-se dizer haver nesta obra os elementos com que se faz um bom romance. Todavia, *Sonho Desfeito* não o é. Impiedoso paradoxo a arte! Escrever com o modelo á vista, com escrupulos de historiador — eis o maior óbice á boa realização de uma fábula romanesca. O modelo de Antonio Cabral é, na verdade, o melhor modelo de qualquer romancista: a propria experiencia da sua vida. Mas a experiencia da vida que o romancista deve fixar na sua obra nada deve ter de uma experiencia memorativa e topografica: deve ser uma experiencia emocional. Antonio Cabral pretendeu, por um lado, dar-nos as suas tembranças da vida aldeã, por outro as suas recordações de banhista e de citadino. Os quadros de romarias, de casamentos, de bailes e de banquetes numa velha casa solarenga portuguesa devem ter a exactidão de paginas de historia. A vida, nos fins do seculo passado, na então melhor praia portuguesa — a Figueira da Foz — é-nos pintada com minucias e precisões inexcediveis. O ambiente lisboeta dos ultimos anos de monarquia (S. Carlos, o parlamento e as procissões) é tão escrupuloso como exacto. Mas toda esta exactidão dá ao romance a frieza de um compendio de historia. Antonio Cabral não soube animar, interiormente, as suas descrições. Isto é: não se sente por detrás do que descreve nem o calor de uma saudade nem a presença de um drama. Antonio Cabral esqueceu-se de que num romance importam mais as personagens do que os cenarios. Isto é: nada se deve descrever num romance que não venha auxiliar a compreensão das personagens e dos seus conflitos. E' preciso que os herois, na verdade, se movam num *fundo,* mas o *fundo* sem herois no primeiro plano não serve para nada. Ora a catadupa de festarolas a que o leitor do *Sonho Desfeito* é obrigado a assistir em vez de fundo de romance parece o primeiro plano um livro de viagens ou de memorias histroicas. Os herois perdem-se entre os comparsas. Não eram precisas tantas festas para um engenheiro filho-familia perder a mulher que ama por não ter sabido servir-se da sua profissão para ganhar a vida. Porque uma das coisas que ressalta do romance de Antonio Cabral é que os homens no fim do seculo passado eram muito nobres, muito valentes e muito apaixonados, mas de todo isentos de personalidade. Manietados pelos preconceitos de familia, preferiam morrer esmagados pelos sentimentos a sujar as mãos no cabo de um martelo. Assim assistimos ao desfazer de um sonho na mente de um honesto rapaz sem coragem para casar com a mulher que ama apaixonadamente para não contrariar o pai de quem depende e á custa de quem vive a olhar para as tábuas do tecto.

Ha minucias e exactidões no romance prejudiciais ao proprio romance. Os dialogos mais dramaticos do *Sonho Desfeito* deixam-nos completamente insensiveis. Porque não estão bem escritos. Não. Porque não são verdadeiros? Tambem não. Porquê, então? Por só traduzirem sentimentos convencionais. E' de toda a evidencia que um homem apaixonado diga frases apaixonadas á mulher que ama. São frases apaixonadas as que o heroi do *Sonho Desfeito* diz á namorada. Mas são frases sem poesia: não ha nelas a mais leve sombra de imprevisto. E a poesia de uma alma traduz-se *em imprevisto.*

Enfim, *Sonho Desfeito* é, realmente, um romance escrito com honestidade. Por isso devemos louvar o seu autor. E' mesmo um romance razoavelmente composto. Quasi bem desenvolvido. Apenas não é um romance no exacto sentido da palavra. Um romance é uma obra de arte. *Sonho Desfeito* não é uma obra de arte.

JOÃO GASPAR SIMÕES

Estudo sobre os inconvenientes da imaginação

(Continuação da 1.ª pagina)

rença finamente tamisados duma côr de prata velha, que tauxiasse de reflexos jámais vistos o delirio-artista dum lavrante misantropo,—perpassavam, jungidos na mesma sacrossanta comoção, pelos olhos extasiados dum e doutro...

—Quere o trôco? Era o criado, que recolhia a placa consagrada da despesa.

—O quê? Já oito horas?!

Voltou nos demais dias ao café, com a esperança de tornar a encontrá-la. Esperança sempre renovada; esperança em cada dia perdida... Tinha a luva, devocionalmente, no seu escritorio, entre o *Ensaio sobre o genio na Arte,* de Séailles e as *Pensées,* de Joubert, juntamente com um postal a côres, da *Monna Lisa,* que trouxera de Paris.

Tinham passado já sete dias, rasgava um jornal para um embrulho, quando topou com este anuncio:—Luva perdeu-se. Gratifica-se quem a entregar...

Deu-lhe no coração *uma coisa.* Procurou, todo tremente, a data da folha. *Por coincidencia,* era do dia seguinte ao da sua bemaventurança e do seu martirio.

Como estava esfaimado daquela presença, que no isolamento acerbo que vivia, fôra como um santelmo, pacificado; como ansiava furibundamente por que ela lhe aparecesse, pelo menos mais uma vez, decidiu-se. E com a luva no bolso, lá foi, caminho da rua indicada no pedacinho de papel, que recortára.

Segundo andar, esquerdo... devia ser ali! Mas não respondiam.—Saira. Que raiva! O destino continuava a perseguilo...

No primeiro andar lembrou-se de bater. Talvez soubessem dizer-lhe quando voltaria... Veio uma mulherita verde, de *lorgnon* assestado:

—Ah, a figurona loira, que morava num quarto lá em cima? Bateu as asas com o amigo, um mequetrefe de barbicha; gatunos internacionais, ao que parece. Vieram cá os da policia ha três dias. Livra! Para o que o predio estava guardado! Sempre de gente de tanto respeito...

E numa subita desconfiança—«com licença!»—bateu a porta com estrondo.

CARLOS PARREIRA

...E A CARAVANA PASSA...

Poetas novos! Nem vê-los!
Lêem-se, relêem-se...
Nem patavina—nada percebemos!
Não têem alma, nem coração, os marotos!
Causam cócegas, nervos—más digestões ao leitor,
Que os lê, ás vezes, de acaso, por favor!
E se se lhes deparam na vida dois caminhos:
Seguem a direito,
Fogem ao atalho...
Em tudo diferentes, afinal,
E felizmente,
Dum eco parnasiano
Que li há dias num jornal.

JOÃO PATRICIO

Classicos Portugueses
Arte de Furtar
Decima edição revista por Jaime Brasil e atribuida
ao Padre Antonio Vieira
1 vol. Br. 12$00 — Enc. 17$00
Pedidos á
LIVRARIA PENINSULAR EDITORA
de José da Silva Oliveira
57, Rua da Boa Vista, 59 — LISBOA